CLÁUDIO MAGALHÃES

FO#@-$3,* PANDEMIA!

Crônicas sobre o que aprendemos com a fdp da Covid-19

*Aqui coloque seu palavrão preferido para se dirigir ao Coronavírus que mudou a Humanidade.... Isso... Joga pra fora...

VIAGENS FILOSOFICAS

Cláudio Magalhães

FO#@-$3, PANDEMIA!

Crônicas sobre o que aprendemos com a fdp da Covid-19

PORTUGAL | BRASIL | ANGOLA | CABO VERDE

Este livro é dedicado às milhares de pessoas que morreram, assim como às suas famílias destroçadas, embora seja muito, mas muito pouco do que realmente elas merecem como homenagem. Ainda mais quando estamos certos que boa parte desse sofrimento poderia ter sido evitado se tivéssemos governantes melhores. É também dedicado aos profissionais da área da saúde, da educação, dos serviços públicos, dos empregados de supermercados e farmácias, dos meios de comunicação; e a todos os que se expuseram ao perigo diário para que os demais pudessem ter um pouco mais de segurança. Que este livro seja minha gota no oceano do que precisamos ainda aprender sobre nós mesmos a partir deste momento.

Introdução

Um vírus mudou o mundo! Podemos ainda não saber quanto, nem totalmente como, mas o quando já está marcado: o 2020 será conhecido nos livros de história como o ano em que a Humanidade parou. Ou pelo menos, deu uma freada brusca. Mas que ninguém se engane de que foi acaso tudo o que aconteceu, e menos ainda que haverá grandes transformações. Mesmo porque boa parte das mudanças já estava acontecendo e a Covid-19 só acelerou o processo metabólico das sociedades.

Mas uma coisa é certa: não é possível viver tudo o que estamos vivendo sem aprender alguma coisa! Nem que seja algo escancaradamente a nossa cara e que não gostemos em nós mesmos. Por isso, o objetivo do livro é buscar, no meio desse caos que nossa vida foi transformada, mexida tanto pela economia global como pela produção de pães caseiros, em algo com que possamos dizer, no mínimo, que a desgraça não foi completa.

As crônicas foram produzidas ao longo da primeira parte da pandemia no Brasil, de março a setembro de 2020, naquele período que passamos de incrédulos para em pânico, depois para angustiados e, por fim, perdidos. Como professor e pesquisador social na área de Comunicação, Educação, Tecnologia e Cia (que, por sinal, é o nome do blog de origem dos textos) pude ir colhendo e analisando fatos e fenômenos sobre essas temáticas nesse momento terrível da Humanidade.

Então, é claro que essas temáticas, assim como o momento, são prementes a delírios. Mas estou certo que muito do que viajei será reconhecido como as dores, os pensamentos e as angústias de quem lê. Atenção: não é um livro de autoajuda, esse gênero literário fabuloso que faz com que a gente leia sobre tudo que já sabemos. Está mais para

pensamentos aleatórios, um tanto filosóficos, mas a partir do conhecimento científico, no sentido de buscar o que é tudo isso, onde estamos no meio disso tudo e para onde vamos depois disso.

Ah, tem uma última coisa: arrisquei colorir interlúdios das crônicas com alguma pegada literária, algumas histórias criadas na e pela pandemia, em contos que nem podem ser muito chamados de fantásticos. Porque nossa realidade tem se mostrado mais fantástica do que a ficção tem conseguido acompanhar.

Boa sorte!

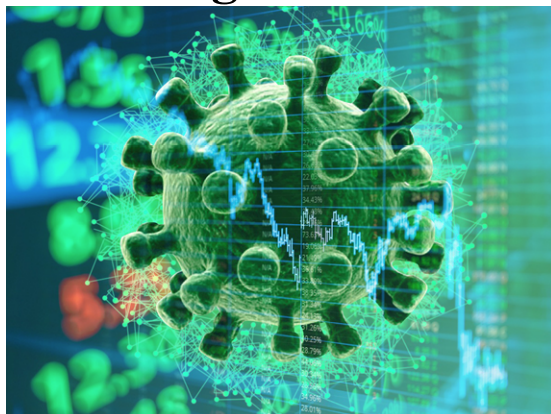
Coronavírus, Criatividade e Tecnologia: a dureza da insignificância humana

Criatividade da Natureza X Criatividade Humana: não tem pra nós!

Imagem de btaskinkaya por Pixabay

16 de março de 2020,

Pense comigo: tecnologia é o nome de um jogo que a Humanidade arrumou com a Natureza, meio que para confrontá-la. Mas engana-se quem pensa que é um jogo justo. A Natureza é bastante generosa, como aquele pai que vai jogar bola com o filho pequeno e o deixa ganhar, não sem antes fazer uma encenação vistosa de derrota. Mas não nos iludamos: não somos nós quem mandamos. E, de vez em quando, a mãe Natureza toma a bola, passa entre nossas pernas e nos humilha com um sorriso no rosto, onde se vê escrito: "quem manda aqui sou eu" e saimos do parquinho com a dúvida atroz se tudo antes não passou de benevolência disfarçada.

Só assim consigo explicar o porquê conseguimos enviar uma nave espacial para fora do nosso sistema solar e ainda somos assolados por um vírus da gripe. Ou, como diz um amigo meu, conseguimos enxergar planetas há anos-luz de distância e somos incapazes de fazer um exame de colonoscopia que não cause tanto desconforto na preparação. Tipo, mandar uma câmera para Júpiter é moleza, mas para o meu intestino tem que ser esse sofrimento?

Pois acredito que é a Natureza dizendo que a gente pode brincar no parquinho à vontade. Mas ainda somos seu filhinho frágil. Que o digam nossos outros irmãos *Homo:* dos doze até hoje conhecidos, do mais velho *Habilis,* ao caçula *Floresiensis*, mamãe natureza foi eliminando um por um, quando cansou de brincar com eles. E olha que estamos longe, umas dez vezes mais longe de alcançar, em tempo de vivência, o mais longevo deles, o *Erectus.* E nenhum trabalhou tão fortemente contra a sua própria espécie, criando coisas como o cigarro, a bomba atômica e os produtos alimentícios cancerígenos. Sem falar nas torcidas organizadas!

Sim, portanto, *buana* tecnologia nos salvou, até o momento. Mas fico ainda sem entender essa discrepância nos nossos avanços na medicina. Não há como negar os progressos, partindo pela curva de longevidade média, que deu um salto no século passado, mas vem ganhando ano após ano. Doenças como o câncer são cada vez mais desvendadas, engenharia genética já é capaz de tirar um pedaço do DNA que nos causaria um mal ainda antes de sermos um embrião, equipamentos são capazes de escanear quase que a alma (exceto o intestino).

Uma parte de mim vai mesmo para as teorias da conspiração, as que culpam a indústria farmacêutica de boa parte dos males. Não nos faltam exemplos de falta de sensibilidade quanto às doenças em países pobres; quando doações, ou preços de remédios bem menores, seriam capazes de salvar milhões e, decerto, não causariam prejuízos aos acionistas. Qual o sentido de se investir bilhões de dólares em doenças que atingem apenas uma pequena parte da população, enquanto aquelas que matam milhões, há anos, continuam serelepes por aí? Porque aqueles que morrem em milhões não pagam a margem de lucro exorbitante que ela deseja.

Mas como sou um romântico, custo a crer que os donos dessa indústria se sentam para debater como, todos juntos, podem ser ainda mais cruéis na próxima temporada. Assim, acredito que há empresas e pesquisadores que sincera e arduamente trabalham para descobrir como não nos deixar morrer de gripe, sarampo, dengue. Mas, então, por que ainda morremos disso? Quase extinto leitor e leitora, não tenho a mínima ideia. Mas posso desconfiar: ainda continuamos frágeis e a natureza é mais forte do que nós. Vírus, bactérias, micróbios são simplesmente seres que batalham pelo mesmo meio-ambiente e também desenvolvem uma espécie de tecnologia, só que orgânica: criam mutações, adaptações, mudam seus comportamentos. São que nem nós, não lhe parece, quando entramos em novos empregos? Pois é, na realidade, a microbiologia, em escala minúscula, representa o que há de mais extasiante na Natureza, da qual fazemos parte: a criatividade.

Aliás, isso serve também para que a gente desça do salto quanto ao quesito alegoria. Sim, somos criativos, mas esta não é uma qualidade monopolizada por nós. Daí, na real, o que temos é um embate na modalidade criatividade. Numa espécie de festival da natureza, em que o prêmio é continuar pulsando, temos ganhado bastante, mas não todas. A história é um pouco triste quando lembramos que parte dessa criatividade vai contra nós mesmos, como se, ao invés de trabalharmos como equipe na Exposição Mundial de Seres Orgânicos do Terceiro Planeta, nosso stand é uma espécie de encontro de grupos de Whatsapp, mostrando o quanto somos piores em comparação com a gente mesmo. Enquanto isso, a turma dos micróbios fica rindo da gente: "tadinhos, tão novos e tão ingênuos".

Veja bem: a China construiu um hospital em dez dias. Os meios de comunicação e a telemedicina são um avanço tecnológico inegável. Mas o que fizemos com isso? Um prédio com doentes do coronavírus internados na mesma China desaba e mata dezenas de pessoas[1], provavelmente porque alguém não fez um cálculo direito. Ao invés de discutirmos como adaptar *gadgets* no celular para exames, a conversa fica estagnada no corporativismo da profissão ou algo como não perder dinheiro... Ao invés de colocarmos nossa fragilidade na mesa, até nesse momento de crise mostramos nosso fetiche pela desigualdade: no momento que escrevo, já são mais de 200 casos no nosso país e, felizmente, nenhuma morte até o ponto final desse texto. Em 2019, mais de 750 pessoas morreram por dengue no Brasil[2] que, por sinal, foi o maior número em 21 anos, mostrando que estamos tomando uma surra! Apenas até junho de 2019, mais de 300 pessoas haviam morrido de gripe no ano brasileiro[3]. Há quem diga que foram mais de mil no ano passado[4], número que, mesmo contaminado pela crise atual, se dado um desconto já seria grande. E, será o Benedito, depois de 20 anos temos uma morte por sarampo[5]!

E por que somente agora o país ameaça parar? Talvez se tivéssemos parado antes, nas outras crises, essa estaria sendo menos traumática, talvez estivéssemos mais preparados, da infraestrutura ao psicológico. Ou apenas abusamos tanto da benevolência da nossa mãe Natureza local que precisamos da mãe Natureza mundial tentar nos colocar frente à nossa insignificância. Mas, daí, não há romantismo que aguente: estou certo de que, após passada a goleada, vamos voltar ao nosso parquinho exuberante para continuarmos nossas grandes derrotas locais cotidianas.

1 Desabamento de hotel onde pessoas estavam em quarentena na China deixa mortos. G1, 8 mar. 2020.

2 Brasil registra em 2019 segundo maior número de mortes por dengue em 21 anos. Natália Cancian,. Folha de S. Paulo, 8 jan. 2020.

3 Mortes por gripe no Brasil chegam a 339 até junho deste ano. G1, 7 jul. 2019.

4 Brasil registrou ao menos 1.109 mortes por gripe em 2019. Aline Chalet. R7, 5 mar. 2020.

5 Rio de Janeiro tem primeira morte por sarampo em 20 anos. Júlia Barbon. Folha de S. Paulo, 14 fev. 2020.

As apostas pós-Apocalipse: como o coronavírus vai nos deixar?

Sairemos melhores ou piores ao final da crise?

Imagem de Эльвина Якубова por Pixabay

23 de março de 2020,

Levando-se em conta que a raça humana não será extinta (embora ainda seja cedo para descartar a hipótese) eleva-se o número de apostas do que acontecerá após o armagedon. É como se tivéssemos um novo Ano Novo à frente e começássemos a fazer planos e, consequentemente, dirigíssemos nossas ansiedades para aquela estranha escala que traçamos na nossa mente: "se o de pior ou melhor acontecer no ano que vem, eu vou..." Como estou na fase de chutar o balde para previsões[6], vou continuar o exercício aqui para o que acredito que vai rolar quando e se sobrevivermos. A conferir em março de 2020:

1) **Home office:** é estranho dizer que as pessoas estão descobrindo o *home office* e que agora vai bombar. Para mim, antes da pandemia, era exatamente o contrário: as pessoas já estavam de saco cheio desse trem, pois tinham acabado de acusar o golpe: era a verdadeira parceira Caracu das empresas, em que elas entram com a cara
(de modernas, boazinhas, deixando a gente perto de nossa família) e o funcionário entra com o resto! Ora, convenhamos, embora superanimados em ficar na nossa casinha, as empresas estavam felizes por terceirizar, para nossos boletos, luz, água, internet, móveis de escritório, papelaria, o ouro contemporâneo chamado toner de impressora! Sem contar as despesas de transporte, seguros, e, claro, as horas bestas. Até a esperteza dos aplicativos de comunicação, tipo Whatsapp, já era alvo de processos trabalhistas e dos sindicatos profissionais. Pois é, não é que agora o *Home Office* ganha uma sobrevida? Sei não, o pessoal fica falando que o coronavírus é uma invenção da China. Se for para apostar numa teoria de conspiração doida, estou achando que foram as turmas dos sindicatos patronais...

2) **Educação a Distância:** devia estar comemorando. Como entusiasta do EaD, é fato que a comunidade escolar (alunos, professores,

instituição) descobriu a modalidade. Estamos todos reparando que, com a tecnologia de interação de hoje é possível, facilmente, dar aulas interativas, síncronas, com usos de ferramentas de exibição, exercícios, até provas. E com participação dos alunos, com diálogos e apresentação de trabalhos. O EaD assíncrono, para se fazer fora do horário de aula, já era uma realidade e, acredito, os estudantes já faziam sem nem mesmo saber que faziam. A novidade agora é, ao invés de se deslocar para a sala de aula, ficarmos cada um na sua casa. Como a maioria das aulas é expositiva (professor e blá, blá, blá!) faz pouca diferença, e já fazia antes, na modalidade assíncrona. Mas essa chatice em forma de video é, inclusive, um dos pilares da discriminação ao EaD, como se fosse o seu único produto pedagógico. No meu caso e de muitos dos colegas que só funcionam com plateia, temos dificuldade em gravar para uma câmera fria e deixar numa prateleira virtual para consulta (eu, por exemplo, precisaria que se disparasse automaticamente uma risada, tipo sitcom americana, para me animar quando fizesse uma piada epistemológica!). Mas, na última semana, não houve opção e tive, obrigatoriamente, de sair à caça de plataformas e aplicativos para aulas a distância. Confesso que estava apreensivo, só lembrando das experiências antigas com videoconferências (uma espécie de rádio amador com imagem, quase que tinha que falar câmbio) e com o Skype (ô trem que trava!). Para minha surpresa, a plataforma disponibilizada pela escola deu conta da minha aula com mais de cinquenta alunos, com participação deles a todo momento. Sim, as risadas ficaram de fora (os microfones ficam fechados, exceto quando participavam), mas ver o chat bombando e, ao perguntar "pessoal, faz sentido o que eu disse?", eles responderem com as suas vozinhas, o que fez toda a diferença. Na conversa com vários colegas professores, outras plataformas também se mostraram eficientes. Portanto, está quebrado o muro da EaD para aulas síncronas e, certamente, as assíncronas (99% delas) devem ganhar um verniz menos escuro do que a discriminação ao EaD tem pintado. Mas, então, por que

não estou animado? Há anos, as instituições insistem que professores e alunos façam EaD nos cursos presenciais, às vezes empurrando goela abaixo, apoiadas na lei que permite aulas a distância. É algo que a comunidade acadêmica, quase que inteira, teme como uma verdadeira precarização do ensino, dado que, prescindindo da presença síncrona de um professor com os alunos, haverá demissões em massa e diminuição da qualidade pedagógica. Reafirmo: não confundamos o instrumento com o seu uso, não é o EaD em si que provoca demissões e nem diminuição da qualidade pedagógica, dado que a educação presencial também tem demitido e não faltam exemplos de uniesquinas de péssima qualidade. E há excelentes exemplos de EaD que privilegiam a interação entre professor e aluno, e não uma espécie de depósito de conteúdo em que o estudante é jogado e abandonado à própria sorte. Mas a relutância do alunado, aquele que optou pelo curso presencial, era uma das poucas frentes de resistência. Com os últimos acontecimentos, o que impede a uniesquina de fazer seus cursos EaD? Se antes era preciso uma estrutura de TI e alunos dispostos, agora que não precisa mais do TI e os alunos já experimentaram... Sei não, volto ao primeiro item e, se a teoria da conspiração do coronavírus não mirar a China e nem os meios de produção, estou achando que se pode olhar para as empresas de educação!

3) **Hábitos:** ah, seremos mais cuidadosos com nossos idosos, teremos menos interações sociais, aglomeração será vista de outra maneira, acabou essa de três beijinhos, vamos lavar as mãos com mais frequência... tudo bobagem! Em menos de um ano, esqueceremos a tragédia e vida que segue. Quem tiver mais de 30 anos, vai se lembrar da crise energética que tivemos no Brasil: que lindo, todo mundo virou um fiscal de si mesmo e da sociedade para a economia: nada de lavar calçadas, prédios comerciais ficavam às escuras durante à noite, crianças xingavam os pais que saíam e deixavam a luz acesa. E hoje? O interruptor parece que dá choque (mas só para desligar). Temo que não

só esqueçamos os novos hábitos, como deixemos apenas o que não presta: a ampliação do individualismo e do apartamento social, que já era grande antes do vírus.

4) **Economia:** nem quero me arriscar muito. Afinal, se nem os economistas acertam... Será um horror e, se posso dar um pitaco, concordo que a economia como um todo vai andar para trás. Aumentará o desemprego, sem investimento até o ano que vem, déficit público vai complicar ainda mais as coisas. Mas, não será catastrófico. Se tem algo que nunca se dá mal é o dinheiro! Quem tem vai arrumar algumas alternativas para não deixar a economia ir inteiramente para o buraco, porque eles seriam arrastados juntos. Embora a miséria deva ser ampliada (o que já estava acontecendo, diga-se de passagem), a roda da economia continuará girando, com shoppings cheios, e a Amazon competindo com a Marisa para saber quem vende mais. *Black Friday* vai bombar, com aglomeração e tudo! Se hoje os donos da economia pregam a solidariedade para sair da crise, o egoísmo que está por trás irá ampliar ainda mais a desigualdade social, com consequências para o seu balancete a longo prazo. Mas, com o coronavírus aí, quem está se importando com o amanhã?

5) **Política:** temos eleições este ano, no lugar mais divertido para se ter eleições: os municípios. O que a crise vai mudar no voto? Sinto dizer: nada! A venda que se faz hoje do coronavírus é que é um produto importado, não tem nada a ver com a gente, esse povo com todos os seus problemas resolvidos: a propagação da doença não teria a ver com a precariedade da estrutura de saúde do país (imagina, não ter respiradouro para todos e, sabendo da doença que vem chegando aos poucos, não produzir às toneladas, como numa guerra - o que até seria bom para a economia!); não teria a ver com a falta de saneamento básico, para levar o melhor remédio de prevenção, a água tratada e o esgoto; não teria a ver com o descaso com o planejamento urbano e com os conglomerados e favelas que amontoam cidadãos como gado. Portanto, será fácil para os

políticos voltarem para suas comunidades dizendo que não têm culpa de nada e, se depender deles, não mais acontecerá. Mesmo porque parte deles já colocou a China no seu devido lugar!

Puxa, em retrocesso, me vejo pessimista, algo que não é da minha toada. Deve ser o efeito colateral do meu próprio confinamento. Por outro lado, nem elenquei o que pode piorar: fratura no nosso cotidiano de sociabilidade (eu, que só converso encostando nas pessoas, tô ferrado!); economia quebrada; mais políticos extremistas, típicos herdeiros de crises; milhares vão ser mandados para casa e se verão pessoas jurídicas em prol da modernidade que o vírus nos levou (e danem-se esses direitos sociais!); eu e meus colegas vamos perder nosso emprego como professor presencial e, se eu quiser ter de volta o calor humano de uma audiência, o negócio é arriscar no *stand up*! De boa, estou torcendo para que minhas previsões estejam todas erradas, que acertem uma pequena turma que anda olhando para os países nórdicos e vendo que suas políticas de bem-estar social, desprezadas por praticamente todo o mundo que fica abaixo de suas fronteiras, por serem aquelas que estão garantindo um avanço menor da Covid-19 em seus territórios, servirão de exemplos para os insensíveis. E que, ao final, sejamos um povo, um planeta diferente. Que tenhamos aprendido lições e prossigamos na nossa marcha evolutiva enquanto espécie, sem ter que abrir mão do que temos de melhor.

A conferir!

6 Em janeiro de 2020, fiz, pela primeira vez, uma lista, no artigo “As 10 previsões para 2020 do Tio Cláudio”. Está divertido ver o resultado, mas, depois da pandemia, acho que posso me aposentar minha pretensão de ser futurólogo. Em: http://claudiovisual.blogspot.com/2020/01/as-10-previsoes-para-2020-do-tio-claudio.html

Entre bois, tigres e pinguins: consumismo e a corrida ao supermercado

Já que dividimos com os pinguins nosso estilo de vestir,
deveríamos prestar atenção como eles se comportam para sobreviver.

Imagem de Fungai Tichawangana por Pixabay

30 de março de 2020,

Sim, somos exagerados! Estou aqui, enquanto asmático, bronquítico, escorpiano, tremendo de medo. Estou convicto que o vírus amanheceu hoje e passou um Whatsapp para os colegas com algo como “vamos achar esse careca, é uma questão de honra”. Mas me conformo quando penso que ser exagerado, por outro lado, é o que me trouxe aqui, é o que *nos* trouxe aqui, reflexo da espécie da qual pertencemos. Sim, seres humanos só são o que são porque são exagerados. Ainda bem! E o que isso tem a ver com tigres, bois e pinguins? Não exagere na sua ansiedade, continue lendo, e verás.

Certamente o exagero, como qualquer outra característica humana, quando elevamos à enésima potência, se volta contra nós. No caso, em forma de ansiedade desproporcional, angústia, efeitos psicossomáticos entre leves e graves, além de comportamentos destrutivos e antissociais. É o que explica (mas não justifica, como veremos adiante) as corridas aos supermercados, enchendo carrinhos e demonstrando total falta de consciência social.

Mas entendo: é fruto de uma associação perversa entre nosso sentimento de impotência com a sociedade do consumismo. Penso, “ora, eu preciso fazer alguma coisa, para proteger a mim e a minha família” e, bem, isso é um instinto natural, vindo de tempos imemoriais, portanto, não há problema em pensar assim. A dificuldade aparece quando, ao contrário dos nossos antepassados, não nos lembramos da bela ideia que criou das tribos às cidades, aquela em que eles pensaram “então é melhor a gente se juntar com outras famílias e nos ajudar e nos proteger em grupos”.

Ah, um dos reflexos da sociedade do consumismo é que nos deixou também preguiçosos (não se preocupem: a Inteligência Artificial irá nos colocar devidamente em nossos lugares, mais por mal do que por bem,

mas é assunto para depois da Covid-19). Afinal, convenhamos, é chato pra caramba ter que aceitar e tolerar as inevitáveis diferenças entre as parentadas e grupos que não pensam exatamente como nós. Portanto, nada melhor que a solução mais simples criada pelo capitalismo. Tem um problema? Compre!

Como se vê neste tempo de crise, nem tudo dá para resolver com um cartão de débito. No entanto, isso não nos impede de tentar. A bem da verdade, nem podemos dizer que é uma questão nova. Os EUA, o país modelo do consumismo desde o início do Séc. XX, tem no *bunker* parte da sua simbologia. Quem já viu filmes apocalípticos norte-americanos já sabe desses porões altamente fortificados, construídos para resistirem às catástrofes e às guerras nucleares, são quase que uma tradição *american way*, como o feriado de Ação de Graças, o *Superbowl* e o *Halloween*. E o que tem dentro de um bom *bunker*? Comida para durar anos, quase um supermercado particular. Então, *Halloween* já é comemorado nas nossas escolas (que pena que não colocam o Saci e o Curupira!), o *Superbowl* já passa nos cinemas do país e, embora não tenhamos ainda o peru de Ação de Graças, já entramos de corpo e alma na sua principal manifestação consumista, a *Black Friday*.

Portanto, nada mais natural que, perto do apocalipse, não façamos o mesmo! Epa, natural, como? Quando trabalhava em uma cidade do interior, após chuvas intensas, a mídia local pediu para que se parasse de enviar doações, pois o recolhido até naquele momento dava para a atual e mais três catástrofes. Sim, nossa cultura, cheia de outros problemas, tinha um aspecto positivo, o da solidariedade (que, como em todos os demais casos, suscetível também ao exagero e a hipocrisia, mas, vá lá, faz parte....). Ainda não estávamos totalmente inseridos na tal sociedade do consumismo e, portanto, aí sim, poderíamos dar vazão aos instintos naturais de, egoística ou altruisticamente, assegurar a manutenção do nosso grupo no fortalecimento do contexto social em que estávamos inseridos.

Numa sociedade do consumismo, o que vale é o individualismo, do cada um por si. Pensando bem, comprar coisas para a coletividade é ruim para o supermercado: ao invés de um refrigerante litrão para a família, melhor latinhas de distintos sabores para atender os gostos individuais de cada membro. E não é isso que fazemos para os biscoitos, o cereal, o doce, e agora para a cerveja, a comida congelada? Claro, estou falando aqui de uma classe média para cima que se permite esse luxo, mas não é essa mesma classe média que, como diz o nome, é uma referência?

Mas lembre-se que escrevi que se explica, mas não se justifica? Então, se o exagero é uma das nossas características, a vida em grupo, o raciocínio e a contextualização são outras. Somos exagerados porque, quando ouvíamos um barulhinho no mato, pensávamos o pior: pode ser uma cobra, e não um calango. Um boi, por exemplo, não precisa do exagero. Se for mesmo uma cobra, tem casco, couro e sistema imunológico muito mais forte do que o nosso. Já a gente qualquer coronavírus dá conta. No entanto, somos mais inteligentes que bois, e podemos nos olhar e fazer outras analogias zoológicas.

Embora gostemos de nos ver como tigres, poderosos, belos, ferozes, autossuficientes, estamos mais para pinguins: frágeis, desajeitados, gosto duvidoso para ternos, presa de inúmeras criaturas mais fortes, mas com imprescindível vocação para viver em grupo. Assim, deveríamos nos pensar, quando vamos ao supermercado, não como tigres, com voracidade para dar conta apenas de mim e de meus filhotes, mas como os pinguins, que recolhem um peixe por vez, pois se todo aquele bando pegar três ou quatro vai faltar para o grupo na próxima vez. Portanto, é melhor usar esse tipo de raciocínio *nationalgeographic*: há apenas quatro mil tigres flanando no planeta, enquanto cambaleiam milhões de pinguins. É certo que todos nós estamos caminhando para a extinção, mas, neste momento, embora entenda que é vistoso, menos temerário e mais sonoro ser tigre, o mais lógico seria estarmos juntos com os

pinguins. Nossa vantagem é que só nós podemos pensar assim. Aproveitemos!

Contos Pandêmicos:
A Chegada

Alô, alô, Marciano, aqui quem fala é da... onde mesmo?

Imagem de Michael L. Hiraeth por Pixabay

6 de abril de 2020,

Olha, estou de saco cheio de ficar só reclamando. Entre os milhares de frases que, desgraçadamente caem no meu celular, uma parte irritantemente significativa é de algo meio *coaching*: aproveite o tempo para realizar o seu sonho! Não sei como, se nem consigo dormir direto. Mas, vá lá. Sempre quis ser escritor. Então, como só você me escuta, o que diminui consideravelmente a possibilidade de uma crítica literária negativa, vou te contar umas histórias de minha própria lavra. Segue aí a primeira:

O sujeito não estava feliz.

- Você tá de sacanagem?

Para facilitar, o tradutor para o leitor está ligado.

- Não, juro!

- Mas e esse trem aí?

O leitor deve ter notado que o tradutor é mineiro! Foi a escolha mais lógica para um tradutor universal, já que "trem" substitui 90% das palavras.

- Não sei o que pode ter acontecido...

- Não acredito que você nos fez viajar tanto para isso...

- Mas não tem nem meia rotação que eu vim e estava tudo muito diferente... cheio, colorido de vermelho e branco por toda a parte...

- Está difícil de acreditar! Onde estão os milhões de seres à atmosfera livre? As manifestações da cultura diversificada, a fabulosa convivência entre espécies, o tal do "esporte" sortido, variado, com centenas de modalidades que vão de divertidas a lúdicas, de criativas a esquisitas, de saudáveis a violentas. Fora aquelas que propagandeou como sem sentido, sem finalidade de vitória sobre o outro, como a tal de.... como você chamou?... amenobol....

- Frescobol....

- Aliás, falando nisso, e as tais praias? Maravilha planetária que integra a natureza com os seres, desvelados de seus bloqueios psicológicos, expondo seus corpos e, consequentemente, suas imperfeições corporais como se não houvesse modelos estéticos a se seguir?

- Bem, elas estão ali, como o senhor pode ver.... disse o Segundo tentando disfarçar.

- Isso estou vendo, seu energúmeno! Mas e os.... como você chama? .... as pessoas?

- Pois é, Primeiro, não sei dizer.... estava tudo lotado quando vim aqui....

- Onde estão o tal intenso tráfego aéreo e terrestre sem sentido e poluente; os marcos históricos e estéticos onde se reúnem milhares de seres em torno para registrar o que já está registrado; os tais centros comerciais com aglomeração de pessoas em estado de êxtase hedônica; os cultos em torno de deuses que mudam de nome por localidade e com problemas de audição; o consumo coletivo e público de substâncias narcóticas com pleno conhecimento de seus males; os encontros festivos fortuitos e condicionados a períodos sazonais, ou não!; espetáculos grandiosos de sons ritmados e outros nem tanto; ambientes de construção de conhecimento em conjunto para a melhoria da espécie; manifestações intensas de interação, com uns tais de “abraço”, “aperto de mãos” e o curiosíssimo “beijo”....

Já sem paciência, o Primeiro continua o desabafo:

- Ah, Grande Thanos, não sei por que não te mando dar um passeio lá fora igualmente desnudo como nas tais faixas de areia, como você me disse que estariam esses seres no equinócio do hemisfério sul, e que eu não vejo....

- Mas eu morreria....

- Eu sei, estúpido!! Ah, mas que raiva que estou.... Viajar por toda uma galáxia, a fim de ter o primeiro contato com uma espécie fora do padrão universal, que se acha o último torresmo do caldinho de feijão (olhaí o

tradutor sendo perfeito, novamente), mas que (incrível, mas eles também mexem dois dos seus sete dedos de dois dos seus quatro braços para “fazer aspas”....) “tem uma diversidade de comportamento, milhares de diferentes culturas, concomitantemente exercem violência e altruísmo, tão frágil no corpo, mas forte no intelecto, tão jovens e tão velozes em sua emancipação enquanto espécie, completamente antagônicos, ocupando todo o planeta e colocando-o em risco na mesma medida, buscando serem autônomos individualmente, mas precisando do outro até para poderem se reafirmarem enquanto ser....” Baboseira, pura baboseira.

- Não era assim, não era assim.... abaixa as duas cabeças o Segundo.

- Só vejo agora uma espécie acuada, por todo o planeta, com medo de sabe lá o quê. E como nossa espécie não entende linguagem histérica, contraditória e conflitante, nem conseguimos traduzir esses sinais que percorrem os aparatos que chamam de meios de comunicação social (aliás, são mesmo intrigantes até na linguagem. Afinal, “meios de comunicação social” não seriam um duplo pleonasmo?).

- Então, Primeiro, fazer o quê?

O Comandante de cor fúcsia (ah, agora sabemos de onde vem essa cor...) pensa um pouco e faz com que seus três cérebros (o outro encontra-se no ventre) entrem em consonância. Por fim, tem a solução. Intempestivo (o que mostra que não é a quantidade de cérebros que faz diferença) salta de seu poleiro mestre e grita:

- Não vamos perder viagem: vamos invadir esse planeta e levar seus recursos para o nosso sistema!!

- Mas, comandante....

- Não quero nem saber! Preparem as tropas cibernéticas, os robôs artrópodes, vamos aproveitar que estão todos em seus abrigos e ....

Um alarme soa!

- O que é isso?

O computador de bordo acende o que, para nós, seria um som parecido com o da kombi da pamonha: incomoda, mas é impossível não prestar atenção!

A voz sai pelas laterais da nave:

- Alerta, alerta, alerta! Patógeno de origem desconhecida por todo o planeta! Perigo! Perigo!

O Primeiro olha para o segundo. Dúvida no ar. O Segundo, meio que entendendo que o Primeiro lhe faz uma pergunta pelos seus 15 olhos, responde como pode, levantando seus quatro ombros. O Primeiro então coça suas ancas, num sinal de dúvida e reflexão. Daí a alguns instantes, dá o veredicto:

- Meia volta, pessoal!! Não vale a pena, acabei de passar pelo *checkup*! E só o que vamos pontuar em milhas já valeu. Dar uma paradinha naquela sauna gigante que vimos no caminho, para uma desinfectada básica, e partiu Alfa-Centauro!

“Que pena”, pensou o Segundo enquanto dava uma última olhada para a bola azul (sim, é uma bola, cacete!!!). “Que espécie fascinante: aprenderam a fazer bebida etílica antes de aprender a escrever... só isso já diz muito sobre eles!”

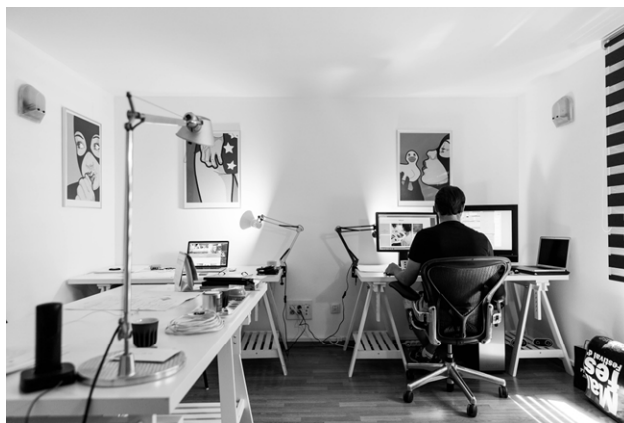
Coronavírus enterra a Revolução Industrial e arremata a terceirização final: a do indivíduo.

Novo chão de fábrica: linha de produção unitária em sua casa.

Imagem de tookapic por Pixabay

13 de abril de 2020,

Embora me considere um otimista, desta vez não faço parte de um número crescente que acredita que a Humanidade ficará melhor depois da crise da Covid-19. Tenho por mim que a Humanidade caminha, como diz Lulu Santos, "a passos de formiga e sem vontade". Já fazer bobagem é da velocidade de um guepardo! No entanto, dois comportamentos, acredito, podem, talvez, quem sabe, ter modificações importantes. Uma é a educação a distância (da qual falaremos outro dia) e a outra é o encerramento da Revolução Industrial do Século XIX, já tarde demais, batendo o último prego no seu caixão: o trabalho em escritórios! Acredite, isso tem mais a ver com o regime anterior, o de vassalos e de escravos, do que com a modernidade.

Antes dessa bagaça toda começar, eu já tinha dado minha opinião sobre o *home office*: fechemos a página do trabalho no escritório enquanto reflexo da vassalagem, mas não abramos a da nossa casa como uma nova colonização. Era uma tendência que não tinha mais retorno, não porque é legal a gente trabalhar em casa, no conforto de um lar. Mas porque representa economia, produtividade e, vá lá, mais-valia na veia das empresas. Com a Covid-19, deixou de ser tendência e aqueles que ainda tinham algum receio estão tendo a oportunidade de, na marra, aprenderem quando antes tinham preguiça e medo.

Como tudo na vida, há um lado positivo nisso também. O escritório é o último resquício da Revolução Industrial do Séc. XIX que, como em toda (r)evolução, importou coisas do regime anterior. O Séc. XX deu um novo passo nas mudanças das atividades industriais com o Toyotismo substituindo o Fordismo que, em resumo, dizia já algo como "vamos tirar pessoal da nossa fábrica e vamos terceirizar o que nos dá mais trabalho", obviamente desde que diminuindo os custos e aumentando a produtividade. A pressão sai da linha de produção da fábrica principal e passa para as empresas menores, no processo *just in time* que, em resumo, quer dizer, "se você não me entregar quando, quanto e como eu quiser, eu te quebro!".

Veja que, ali, a estratégia de terceirizar risco e incorporar produtividade já era um plano estratégico na cabeça dos empresários e da sua inserção nas políticas econômicas, dado que tal ideia foi alegremente incorporada pelos Estados, vendo aí um crescimento de empresas, de impostos, mas não necessariamente de empregos, já que era apenas o deslocamento de gente daqui para ali. E ainda ganhava, como efeito colateral, uma diminuição no movimento sindical. Diluídos em empresas menores, segmentadas por áreas distintas, os trabalhadores perdem vínculo com a produção final e se dividem, direitinho como ensinou Maquiavel, ao recomendar aos capitães que, discretamente, divida as forças inimigas

sem que os homens desconfiem, inclusive incentivando-os a isso. Sabe-se que, ao final, o resultado é o seu enfraquecimento.

Percebe-se, então, que mandar os funcionários trabalhar em casa só dá continuidade ao plano, ainda mais que, como sugerido por Maquiavel, o fazemos alegremente, felizes por estar com a família, por evitar o trânsito caótico (quem fez isso mesmo?). Tão felizes que nem nos importamos em bancar as despesas, como energia, internet, água, alimentação (para quê ticket refeição e refeitório se está comendo em casa?), transporte (adeus, vale-transporte!), móveis de escritório, papelaria, tinta de impressão (o meu cartucho custa 9 mil o litro!). E ainda aumentar a produtividade, já que agora não são mais oito horas de trabalho, mas a entrega da tarefa, mesmo que, para isso, tenhamos que usar 12 horas diárias. Mas, qual o problema, a gente não economizou no trajeto? Não estou trabalhando de bermuda? E adeus consciência pesada de não estar com meus filhos (mesmo que continue enfurnado no escritório e grite para ele parar de atrapalhar o papai... o que, aliás, não é culpa dele: onde já se viu trabalhar de bermuda e em casa?)

As empresas ainda tinham receio de cumprir essa última etapa em direção à terceirização final, a do indivíduo. Mas o medo não era da tecnologia que, como se sabe, está, a princípio, em favor do trabalho, e não do sujeito. Portanto, basta demandá-la que ela entrega o que ser quer. O que as empresas ainda se agarravam era o resquício da etapa anterior à Revolução Industrial, quando os subalternos, ou eram escravos, ou eram vassalos. E, como tais, bem pouco confiáveis e é preciso que sejam observados se trabalham direitinho, "chicoteados" de vez em quando para se colocar no seu lugar, vigiados, pois podem roubar uma saca de café ou um clips a qualquer momento.

As pessoas que hoje confinaram ou estão confinadas em casa pelo trabalho estão se perguntando algo, alegremente, "como não fizemos isso antes?". Ora, não fizemos isso antes porque temos uma cultura ainda pré-industrial, que vassalo bom é o vassalo que mando diretamente, no qual

estou de olho, que não vai fugir para um quilombo ou para a sala de cafezinho. É preciso que eu veja e seja visto pelo meu superior (em todos os sentidos) para me sentir (de)mandado, mas também seguro. “Tenho uma mesa e um emprego”. Na linha de produção fordista era tranquilo, e não era à toa que os escritórios dos gerentes ficavam em níveis superiores com amplas janelas envidraçadas. O escritório seguia o modelo dos vidros e, recentemente, para que divisão de sala? Vamos integrar todos num mesmo ambiente, todos em baias, o chefe está logo ali disponível e sendo visto... que nem o capataz nos campos da colheita!

Pois bem, isso não é mais tão lucrativo. Mesmo no campo aberto, sob supervisão, a limitação do trabalho é feita por algo exterior a ele: horas delimitadas por lei, condições físicas do ambiente de trabalho, instrumentação imprópria, cansaço, questões pessoais, caráter do trabalhador.... Ora, mais fácil passar o problema para frente e só ficar com o grão já colhido. Primeiro, nas terceirizações em empresas menores e, agora, individualizando a entrega. E nas áreas mais diversas, das maneiras mais criativas. Só preciso de um exemplo, a sacrossanta atividade de ensinar, essa que é a principal de todas (sim, para todas as outras é preciso ter tido um educador antes). Consideramos fundamental a integração completa entre as interações sociais de professores, alunos, ambiente e estrutura escolar, políticas públicas... e, de fato, mais complexa do que uma linha de produção de calçados. No entanto, não é como estão fazendo os professores exatamente neste momento? A sala de aula é o seu quarto, assim como todos os demais insumos, incluindo o treinamento, que tem que fazer, muitas vezes, por conta própria (as empresas nem esse gasto têm!). Mas estou aqui adiantando o assunto da EaD. Acredito que já deu para entender o ponto.

Volto a dizer que há algo positivo nisso. Já era hora mesmo de sairmos do Séc. XVII e deixarmos de ser considerados vassalos pelos gerentes, alguém a ficar de olho, senão não trabalha direito. Há inúmeros reflexos também positivos para a nossa vida urbana que, vamos combinar, já deu,

uma vez que estávamos todos a caminho de um engarrafamento único. Mudar a lógica da cidade será a principal missão da gente pós-Covid-19, e um bom exemplo está na ilustração que abre este texto: menos carros, mais variedade de transporte público, mais áreas para caminhar e outros meios de locomoção individuais, significa mais pessoas, e não menos. E mais pessoas também significam mais movimento da economia. Teremos que pensar o que fazer com as imponentes "sedes" das empresas (aliás, ideia também bem Revolução Industrial Séc. XIX!), os conglomerados de salas de escritórios nos centros urbanos, mas isso já era um problema que as cidades enfrentavam antes do vírus. Há soluções, inclusive englobando os problemas comuns de déficit de habitação.

Só não podemos cair na armadilha em que caíram os coitados na Revolução Industrial, e acreditar que só a passagem de um tempo de trabalho para outro é tudo de bom, é só uma questão de tempo para a Humanidade ficar melhor. Não, não é! Como disse, para a Humanidade melhorar leva tempo. "Ah, com a praga do Séc. XIV houve o Renascimento e muita coisa mudou". Conversa só para o andar de cima, pois o populacho ainda levaria alguns séculos para ver sua qualidade de vida e de trabalho melhorar. Já os mortos da Revolução Industrial, pela fome ou pela carga excessiva de trabalho, foram enterrados em valas comuns, como estão acontecendo em Milão e Nova York com as vítimas da Covid-19.

Haverá a fundamental luta por novos direitos, agora ainda mais difícil, dada a dispersão dos trabalhadores. Mas um mundo pós-qualquer-revolução (e vivemos, sim, uma delas, com a Sociedade da Informação) precisa se redefinir inteiramente e enxergar qual o papel de cada um, de cada segmento social, na trajetória da história que, como podemos ver, é mais de continuidade do que de "reinvenção", palavrinha hoje tristemente usada. Fechemos a página do trabalho no escritório enquanto reflexo da vassalagem, mas não abramos a da nossa casa como uma nova colonização.

A tragédia da Covid-19 é, sim, nossa culpa!

A Humanidade fez investimentos errados no Séc. XX. Vamos aprender?

Imagem de Capri23auto por Pixabay

20 de abril de 2020,

Um terremoto, um furacão, um meteoro são mesmo tragédias que a Humanidade tem pouco o que se fazer. O problema, me parece, é que se compara a praga da
Covid-19 com essas manifestações da natureza, como se nós estivéssemos sendo pegos de surpresa e que, portanto, somos vítimas do universo. Bem, não é verdade. A Humanidade é completamente responsável pelo o que está passando agora. É fruto de suas opções ao longo do Séc. XX, quando preferiu investir mais em alegoria que em benfeitoria.

E sejamos justos com o Séc. XXI: o seu antecessor ainda não largou o osso! Talvez agora a história possa mudar. A historiadora Lilia Schwarcz[7] acredita que, da mesma maneira que o historiador Eric Hobsbawn pensou sobre a Primeira Guerra Mundial e o fim do Séc. XIX, a pandemia vai marcar o fim (finalmente) do Séc. XX. O que ela defende é que essas viradas de página são marcadas por algo como uma mudança de rumos nos avanços tecnológicos, em ritmo acelerado nas últimas décadas do século anterior. Funciona, se percebermos que estamos indo para um caminho completamente errado.

O Séc. XIX foi fantástico no avanço da tecnologia. Praticamente saímos de um mundo agrário, em que existimos em grande parte de nossa trajetória pelo planeta, e fomos para o mundo urbano ditado pelas facilidades tecnológicas. Certo, os Séc. XVII e XVIII já nos apresentavam as suas revoluções industriais que indicavam esse caminho, mas o seu sucessor exponenciou os avanços até então centralizados em algumas manchas populacionais. A Humanidade começou a bombar mesmo, em termos tecnológicos, no século dos trens.

É inegável que, no século seguinte, fizemos muitos e muitos investimentos. Alguns muito certos de que avançaram nas melhorias de

qualidade e expectativa de vida. Mas, ao que parece, não foram o suficiente. Espécie frágil que somos, nos deixamos acreditar (de novo!) que somos o suprassumo do planeta e priorizamos nossos prazeres antes de nossa segurança. Já percebeu que sequer sabemos detectar do que as pessoas estão morrendo, embora a Netflix saiba qual filme eu gostaria de assistir? Não tenha dúvidas que o número é MUITO superior ao que se veicula. Só em São Paulo, as mortes por doenças respiratórias graves subiram de 50 em 2019 para mais de 1.200[8], segundo o próprio Ministério da Saúde. Mais da metade já foi carimbada assim, o que, na realidade, é a maneira de dizer que não se sabe o que causou a falência dos pulmões. A outra metade ainda se está investigado as causas e, pelo caminhar da carruagem, vai pelo mesmo caminho da ignorância. Aqui em Minas Gerais, ainda em março, as funerárias já alertavam para o desproporcional aumento de mortos que tinham em seus atestados de óbito quadros de insuficiência respiratória[9]. Foram enterrados sem o exame da Covid-19.

Sério que alguém pode ignorar a relação?

Voltemos ao final do Séc. XIX para ver se podemos aprender algo. Com o avanço das tecnologias de comunicação, a popularização da internet a partir dos anos 1990, o planeta mudou, e não vou precisar elencar aqui as transformações que todos aí presenciariam, bastando para exemplificar que até criamos um termo para quem nasceu após essa transição, o famigerado “nativo digital” (famigerado o termo, não as pessoas, diga-se). Ao fim do Primeira Guerra, a Humanidade perdeu tanta coisa que teve que passar por um doloroso período de luto e teve que se encarar enquanto civilização. Afinal, que raios de avanços tecnológicos são esses que ainda fazem os soldados se enterrarem em trincheiras, depois saírem correndo para cima dos seus inimigos, da mesmíssima maneira que faziam os guerreiros feudais e pré-históricos há milhares de anos? Com a

tecnologia da morte já matando a *delivery*, o símbolo da nossa humanidade construída num senso comum reducionista, a de um guerreiro forte, corajoso, altruísta com sua própria vida e imbuído de valores de pertencimento e defesa de seu grupo/nação e de sua família, foi dizimado nos campos de batalha e deixou sua pátria órfã.

Portanto, era preciso repensar o encaminhamento de nossa tecnologia, não mais para projetos de uma coletividade abstrata, como uma fábrica, uma cidade, um batalhão. Era agora o momento do bem-estar do indivíduo, incluindo grupos menores, em especial a família. Era preciso proteger o indivíduo e, mesmo na próxima guerra, seria mais seguro matar o adversário no atacado e quando necessário sair na porrada, suportado por tecnologias de morte a distância, como bombardeios aéreos e navais. Funcionou muito bem, e realmente era uma importante mudança que devíamos encarar.

Mas, após essa virada de chave, apesar das coisas boas, vimos neste século caminhando fortemente para um sentimento hedonista, criando uma sociedade consumista muito maior do que uma de consumo, e a tecnologia só fez atender nossos desejos. Aí, sabe o que aconteceu? Esquecemos de que somos gregários, somos sujeitos que vivem em grupo e, pois bem, os investimentos em tecnologia privilegiaram o que não nos é orgânico - a individualidade ou a xenofobia - do que enquanto uma espécie sobre o planeta com o mesmo objetivo que todas as demais: sobreviver e se reproduzir. Nada diferente do que a
Covid-19 está fazendo.

Pois agora vemos que, ao invés de tantos estádios de futebol, tantos aeroportos e meios de transporte modernos para turismo, tantos produtos que nos deixam bonitos e cheirosos, tanta tecnologia para aproximar as pessoas queridas a distância ao mesmo tempo que aglomeramos desconhecidos nas cidades, nós tínhamos de ter pensado: somos ainda frágeis, e, no fundo, ainda somos aqueles coletores-caçadores que podem morrer intoxicados com uma fruta estragada ou... uma gripe! Podemos

(nos) parecer invencíveis, mas ainda saneamento básico nos é mais útil que um shopping. É daquelas ironias trágicas ver estádios - tão "necessários" para uma Copa do Mundo em um país já cheio de estádios - se transformarem em hospitais! E não foi falta de aviso: importantes figuras como Barack Obama (2014) e Bill Gates (2015) já tinham cantado a pedra.

Mas nem precisava! A Natureza já vinha mandando seus recados. Foram o Ebola, a gripe aviária, o H1N1... Na real, eu até acho que a Natureza fica ali de soslaio, esperando, rindo da nossa soberba, dá essas incertas e dicas, que nem faz com criança quando deixa cair para ver se aprende. A diferença é que, para a mãe Natureza, não somos seus filhos queridos e se você quiser continuar descendo a escada sem se segurar, pode rolar e quebrar uma perna que ela não está nem aí! E ainda deixa uma clara mensagem de quem é que manda...

Estarei sendo cruel em colocar nas nossas costas a fatura da Covid-19? Talvez, mas nos lembremos disso quando das próximas eleições, quando colocarmos quem não se importa com saneamento básico, hospitais e valorização de profissionais que hoje estão nas linhas de frente, não deixando a peteca da Humanidade cair. Ao ir às compras, valorizar mais o que nos preserva e menos o que nos enaltece, pois vírus nenhum se preocupa com vaidade. Valorizar Conhecimento, que significa uma educação formal de qualidade, pesquisas que nos ajudem nas nossas fraquezas e não na melhor maquiagem que ilumina meu rosto. Se realmente for uma mudança radical, a participação, mesmo que seja mínima, também é nossa. E que realmente seja uma virada de página. Mesmo porque, se realmente o Séc. XIX se encerrou em ١٩١٨, ele também fechou com uma pandemia, a Gripe Espanhola.

7 100 dias que mudaram o mundo. Camila Brandalise e Andressa Rovani. Universa, 9 abr. 2020.
8 Casos de morte por doença respiratória sem causa identificada disparam em SP. Painel, Folha de S. Paulo, 19 abr. 2020.
9 Funerária recebe 32 mortos por insuficiência respiratória em 72h. Pablo Nascimento. R7, 23 mar. 2020.

TV: dispensem o velório,
porque o morto deu sinal de vida!

Não desliguem os aparelhos!!!

Imagem de Alexander Antropov por Pixabay

27 de abril de 2020,

Adorei! Como um defensor irracional da televisão, adorei a notícia dada pela Tela Viva[10], ao divulgar que o brasileiro aumentou a sua média de assistência de televisão em 34 minutos nos últimos cinco anos. Pois então, o defunto encomendado pelos apocalipticos parece que teima em não se deixar ser enterrado. E essa pesquisa foi realizada antes da pandemia em que, todos estamos literalmente vendo, a televisão ganhou um novo destaque! Não sei a impressão de vocês, mas neste momento de recolhimento social me parece que a televisão vem reafirmando, ou reassumindo, seu papel de principal veículo midiático.

Eu adoro essas notícias, pois só ratifica o que sujeitos como eu, que gostam de olhar a tecnologia dentro da história da Humanidade - e não pelos modismos contemporâneos - defendem: uma boa tecnologia não acaba, adapta-se, transmuta-se e, em boa parte das vezes, sequer precisa mexer em sua essência para tal. Basta apenas ampliar sua base com novos instrumentos técnicos e eles se resolvem!

Foi assim com o Cinema. Morreu quando do surgimento da televisão, depois o mataram novamente com o videocassete, disseram que com o DVD e depois o Blue-ray agora não tinha mais jeito, aí que agora ia de vez com a internet, e, pah!, nunca a indústria cinematográfica ganhou tanto dinheiro! A televisão ainda sofre com um equívoco conceitual, de que ela seria apenas o aparelho televisor, aquele lá nas salas e ligado a uma antena e uma tomada. Seria como se falássemos que cinema é a sala de exibição! Pois televisão é muito mais do que isso, é uma linguagem e uma estética específicas, um empacotamento intrínseco, uma relação midiática que se diferencia da experiência da sala de cinema e da interatividade ativa da internet. E parece que suas características ainda são bem consideradas pelo seu apaixonado público. Gente que investe um quarto do seu dia para contemplá-la.

Vou aqui pedir emprestado bastante das informações da reportagem da Tela Viva, dando alguns pitacos nos dados que divulgam a partir da análise do relatório da Kantar Ibope Media:

* **Tempo médio de consumo**: segundo o estudo, o brasileiro até aumentou, nos últimos cinco anos, o seu consumo de TV em mais de meia hora. Entre 2018 e 2019, são 6h17 diários. É mais do que o dobro da média do mundo (2h55, mas que engloba, imagino, países muito díspares, como aqueles com um sistema televisivo diverso, mais um menos democrático, com a presença de vários aparelhos nas casas; e outros com uma ou duas emissoras, às vezes controladas pelo governo, e com outras limitações econômicas em torno). Como dizer que é um meio de comunicação agonizante com esses números? Num país onde se tem mais TVs do que geladeiras, segundo o PNAD? E, ao mesmo tempo, uma boa internet concentrada em grandes centros e só?

***Diversidade de programação:** um dado importante da reportagem refere-se aos gêneros de programas. Outra falácia que se diz da TV é ser pobre em tipos de programas, como se o brasileiro só gostasse do tripé que embalou o surgimento da televisão há 70 anos (auditório, novelas e jornalismo) e ainda mantivessem o esquema. Pois não só não é verdade, já que há inúmeros novos gêneros incorporados, como a manutenção da sua audiência deve-se a essa modernização. O estudo aponta que cada pessoa assiste a cerca de oito tipos de programas em média. E a produção televisiva já sentiu isso, pulando, dos anos 2000, de cerca de 14 gêneros para, em 2019, 32. Outra balela (mas que foi real por um bom tempo) era que quem tem TV paga assiste só o que se oferece na TV aberta. Pois bem, agora, cada vez mais, os assinantes passeiam por outros canais, a ponto de aumentarem o seu consumo de 34% do seu tempo, em 2010, para 43%, em 2019. Claro, a TV Paga sangra, de verdade, perdendo sua base, mas é porque há outros lugares para se ver TV. Mas, ao que parece, quem fica está aumentando o seu consumo.

* **Intensidade de consumo:** a reportagem mostra que a pesquisa confirma que os tradicionais gêneros, como a novela, ainda têm grande intensidade de consumo. Mas os programas ao vivo também. E, imagino, com a pandemia, a televisão só reforçou uma das suas vocações resilientes, e que deve ser um dos seus sustentáculos presentes e futuros de sua sobrevivência. Ora, se até os artistas estão fazendo suas *lives* lincadas nas emissoras de televisão aberta, é porque vêm vantagens. O "ao vivo" da TV garante uma capilaridade e uma credibilidade que a internet ainda não consegue superar. A internet é, segundo pesquisas, o veículo com menos credibilidade junto à população. A TV está exatamente do lado oposto. E, ironia das ironias, os assuntos mais comentados nas redes sociais digitais são justamente os programas que passam na televisão, como os reality shows, novelas, esportes, séries.... Quem ganha mais com o quê? Da reportagem: "Em 2019, as conversas sobre conteúdo em vídeo atingiram 21 bilhões de impressões no Twitter. Já a TV segue dominando a rede, com 15 vezes mais impactos do que os vídeos *on demand*."

* **Publicidade:** o problema tem sido como manter essas enormes estruturas de televisão, quando a internet, enquanto produção, é muito mais barata. Há, de fato, uma migração das verbas publicitárias para os ambientes virtuais e, ao que parece, as emissoras ainda não encontram o ponto certo para reverter a monetização em seu favor. É natural, mudar um modelo de 70 anos não é exatamente fácil. Mas a solução pode estar no item anterior. A reportagem mostrou que quase 30% de quem assiste TV pesquisa na internet os produtos que viram anunciados na sua grade. Ela até lembra uma "nova categoria de publicidade: o *shopvertising*". Que é quando acontece o link direto do anúncio da TV com a compra, um sonho antes utópico para quem anuncia (e que a internet proporciona). Ora, se a TV inverte esse jogo, começa a fazer essa ligação direta que a internet monopolizava... Outra coisa foi a mudança do mix de anunciantes, com os mais ricos indo para a internet em detrimento da

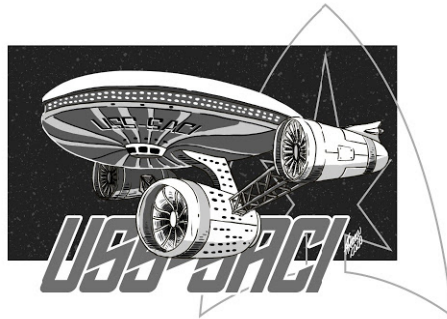
TV. Basta a gente olhar para os intervalos e ver uma turma nova ali: redes de farmácia e produtos estéticos alternativos são alguns que costumavam anunciar apenas nas emissoras pequenas. Pois foram 15 mil novas marcas anunciantes, incluídas as próprias empresas digitais: dai-lhe anúncios de aplicativos e bancos digitais...

Para essa última característica, é fundamental ampliar e dar mais visibilidade a uma questão técnica que ajudaria demais: a TV Híbrida que, nossa!, vejo que tratei disso no longínquo ano de 2015[11], quando já delatava o que tinham me ensinado: o híbrido é isso mesmo, uma mistura de radiodifusão com internet, totalmente possível (já existe em outros países) e que colocaria as emissoras em um patamar de mais competição, desde que estivessem dispostas a mudar um pouco suas estratégias de comercialização. As emissoras e centros de pesquisa já ralam sobre a temática faz um tempo, mas desconheço o porquê empacou!

---

10 Média de consumo de TV do brasileiro aumentou 34 minutos nos últimos cinco anos. Tela Viva, 11 mar. 2020.

11 E a TV Híbrida? Blog Comunicação, Educação, Tecnologia e Cia, 3 ago. 2015.

Contos Pandêmicos:
A Jornada da História

Quem disse que não teremos Programa Espacial?

Arte: Flávio Poddighi 2020

4 de maio de 2020,

Íntimo quem é de mim, sabe que sou um *trekker*! Isso, um nerd que gosta de Jornada nas Estrelas (nome muito melhor do que *Star Trek*, embora este seja o original, mas e daí?). Não, não é *Star Wars*/Guerra das Estrelas, é ficção-científica, não fantasia espacial.... Bem, não importa. Lembra que a pandemia tem me despertado o desejo de infância de ser escritor? Uai, melhor ainda se for para ser roteirista da minha série favorita. Então, despressurize-se e avante onde nenhum brasileiro jamais foi....

"Essas são as missões de cinco anos (a princípio, talvez mais, talvez menos, vamos ver...) da USS Saci, explorando novos mundos, novas civilizações, indo diametricamente ao lado oposto de qualquer outra missão semelhante que aconteceu antes na história do planeta Terra...."

Aqui é o Narrador. Aviso que não sou chegado à arte literária, então vamos direto ao que importa:

- Parece que a "Manobra Bodoque" funcionou perfeitamente, Comandante. Estamos vendo mesmo a Terra no ano de 2020. Mas, como sabíamos, não acho qualquer registro nos nossos arquivos. Parece que simplesmente apagaram o ano da História da Terra.... - É o que diz Kuongoza Mwitu.

O Sargento Kirk coça a sua pança de churrasco twsksiliano. Ainda não está muito certo do que vê na grande tela. Parece a Terra, mas há algo estranho...

- Tem um trem estranho aí... - disse com a sua sofisticação linguística de sempre.

Hod McKing grasna de sua cadeira de piloto:

- De fato, comandante. Pelos sensores, se vê que o planeta está com um ruído sísmico menor[12].

O motorista espacial continua a digitar diversos comandos com os seus dedos emplumados. Me irrita quando está inquieto na sua poltrona. Faz estranhos barulhos de atrito do couro sintético com suas penas... sua espécie não tem costume de usar calças! Ele tem mais novidades, mas antes que possa dizê-las, o jovem copiloto ao seu lado quase que grita:

- E o nível de poluição também não coincide. No continente europeu está 50% abaixo da média[13].

O resto da tripulação não consegue entender por que esse garoto ainda quer tanto aparecer! Pit Kirk já não é só sobrinho do Sargento?

- É aqui mesmo, Sargento! Estamos em casa... pouco mais de 130 anos atrás... - Se irrita Mwitu. Que mania esse povo tem de duvidar!

Ok, alguns leitores já, apressadamente, vão estar imaginando coisas, fazendo ligações impróprias com alguns outros aventureiros espaciais, outras jornadas estrelares que, garanto, nada a ver! Seria criminoso, algo envolvendo direitos autorais, e não estou a fim de ficar enfrentando tribunais de inteligência artificial que, como se sabe no meu tempo, costumam ser mais eficientes - uma vez que menos subjetivo ou amigo de juízes. Daria ruim para mim.

Sim, é Sargento Kirk, mas nada a ver com o sujeito de camisa amarela rasgada. *Esse* Kirk é (ou pelo menos ele diz que é) descendente de uma linhagem tradicional, iniciada pelo primeiro oficial aviador Ricardo João Kirk.... tá duvidando? Dê uma olhada no Google, espertinho! O herói é tão herói que é o patrono da aviação do Exército brasileiro. Agora me deixe continuar a história...

Então.... Kuongoza Mwitu, a primeiro oficial, veio tranquilizar o seu comandante, entre a irritação anterior e a agora versão zen da sua bipolaridade. Esteticamente, não ajuda muito ao chefe: é o dobro de sua altura e metade do seu peso. Mas talvez o comparativo seja injusto: um comandante de 1,60m não é páreo para uma lobo-guará evoluída

geneticamente, com dois metros de altura. Mas, pelo menos com as palavras, o Sargento sente um certo alívio.

- Ric, pode ser surpreendente para você, para nós, mas, de fato essa lata-velha reciclada, made in Brasil, conseguiu! Vamos poder descobrir, por conta própria, o que aconteceu...

Os olhos do comandante brilham. Agora vai poder calar a boca daquele lá da...

- Certo! Obi, faça uma varredura pelo planeta. Tik Tik, escuta o que os sistemas de comunicação andam dizendo. Da Silva, prepare o radiotransporte para descer em um ponto que possamos investigar de perto! De preferência, com praia e movimentos etílicos próximos. É importante se socializar com os nativos da ocasião....

Obi-Jaragua-Pichu, a cientista-chefe, é a primeira a dar um alarme. Não um alarme propriamente dito, já que caiu dura para trás. Os tripulantes percebem-na catatônica: é que Obi tinha acabado de focar o seu equipamento em sua suposta terra natal, a Amazônia, onde foi encontrada há muitos anos. Aliás, no que restava da floresta, daí porque foi fácil achá-la! Ao socorrê-la, só conseguem escutá-la balbuciar: "então, foi aqui que começou, foi aqui que começou"....

Tik Tik Tik é um transmorfo *mezzo* brasileiro, *mezzo* argentino, que só assume formas animalescas e agora era um minielefante para fazer piada com orelhas gigantes.... Ligou todos os equipamentos de análise... para só ver eles começarem a sair fumaça, descargas elétricas, pegar fogo.... aproveitou a trompa para soprar forte e apagar o princípio de incêndio.

- Comandante, não sei o que aconteceu! Coloquei o computador para analisar as comunicações como faço sempre... Mas parece que são tantas informações desencontradas, umas completamente contraditórias a outras... E parece que essa balbúrdia vem de todos os lados, dos canais oficiais das entidades governamentais, que brigam entre si; tanto de profissionais da mesma categoria, que dão orientações e contra orientações em sentidos opostos; e até as comunicações pessoais, em

grupos digitais onde predominam palavras ... ui, credo ... impronunciáveis!
Mwitu ordena:
- Faça uma amostragem aleatória da data de hoje, do que eles chamavam de "telejornais", de qualquer evento de ontem. Assim o computador pode focar e...
Tki assim o faz e o computador solta mais fumaça. Há um princípio de pânico na cabine!
- Piorou, chefe! Antes de queimar, vi na tela duas manchetes do mesmo evento em duas grandes emissoras: um dizia se tratar de uma "manifestação antidemocrática" e outra de "um encontro de apoiadores"[14]. Todas essas informações desencontradas são pós-modernas demais para nossos computadores!
- Sargento! - Uma Obi recuperada adverte - Acho que fomos detectados!
Pausa dramática. Um silêncio se faz naquela cabine. Até o alarme de incêndio cala-se. Acho que o computador entende quando é preciso uma pausa dramática.
A cientista-chefe, no entanto, suspira aliviada:
- Não se preocupe! Ninguém prestou atenção[15]. Sigamos...
Ok, voltemos ao pânico! O Sargento Kirk sua às bicas! Está indeciso, mas quando isso lhe acontece, costuma tomar a opção intuitiva. É o que caracteriza os melhores comandantes:
- Vamos descer! Preciso beber algo... Ou melhor, entender melhor o que acontece, presencialmente. Já deu para essa tela... me lembra educação a distância obrigatória...
Ele começa a se dirigir para a escada em espiral que conduz à garagem do radiotransporte ("ainda compro um tele usado", pensava o comandante toda a vez), quando...
- Alerta, Alerta, Alerta!!!!! Alerta Frenético!

Tik Tik tinha substituído as lâmpadas vermelhas por aquelas brilhantes de uma tal de discoteca do Séc. XX, o que conferiu ao lugar um ar psicodélico. Mas ninguém achou graça.

- O que foi agora? Urrou a Rocket Racum brasileira (se não sabe o que é, vai lá no Google de novo... que saco!).

Hot McKing, o pato, deu a sentença:

- Senhor, a atmosfera de todo o planeta está carregada de um patógeno invisível, perigoso, agressivo, que já contaminou milhões e matou milhares... não sei se sobreviveríamos se fôssemos lá!

- Caramba! E ele causa o quê? Câncer, Degeneração Cerebral, o pessoal vira Zumbi?

- Não, senhor..... Gripe!

De novo, a pausa dramática.

- Deixa ver se eu entendi! - Disse o Sargento Kirk ao se esparramar na sua cadeira de capitão - Estamos em pleno Séc. XXI, depois do planeta ter dobrado sua expectativa de vida no século anterior, sobrevivido a duas guerras mundiais e uma guerra fria atômica, de iniciar as nossas viagens espaciais, de ter mais comida que o conjunto da Humanidade pode comer, de interligar globalmente as pessoas, de ter popularizado a cerveja e o rock pop... e uma gripe para o planeta? De novo? Não faltavam recursos, em que esse pessoal andou investindo nos últimos cem anos?

- Será que é dessa época que aboliram os esportes? Estou vendo aquelas grandes estruturas ocupadas por tendas enormes.... Será algum culto? supôs Pit Kirk.

Kirk não responde. Reconhece os estádios, visitou esses museus quando era garoto. Mas, quem é que vai em museu e quer saber da história do prédio? Bota a mão no queixo, coça a barriga, olha em torno para todos os colegas. Dá um suspiro.

- Bora!

Os demais tripulantes se entreolham assustados. Caramba, tanto problema para chegar ali. A cabine ainda cheirava a vômito graças ao tal efeito de voltar no tempo. E agora, ir embora sem completar a missão?

- Bora! Já entendemos o porquê riscaram o 2020 da História!

Os tripulantes vão reassumindo seus postos. Aos poucos, todos (menos o Pit Kirk) parecem entender. O comandante faz o sinal com a cabeça para os pilotos, do tipo “toca aí”. E sintetiza:

- Eu também teria vergonha!

Quando alcança a velocidade de dobra, a única nacele deixa um rastro esverdeado no espaço.

12 Terra em silêncio: isolamento diminui o ruído sísmico do planeta. Diego Denck. Tecmundo, 7 abr. 2020.
13 Poluição diminui 50% em países da Europa com 'lockdowns' por coronavírus. Uol, 16 abr. 2020.
14 Globo: "manifestação antidemocrática"; Record: "encontro com apoiadores". Maurício Stycer. Uol, 3 mai. 2020
15 Governo dos EUA divulga vídeos oficiais de OVNIs . Tilt/Uol, 27 abr. 2020.

Estatísticas deveriam ser afrodisíacas, e não anestesias

Não se deixe insensibilizar pelos números da Covid-19.

Imagem de Omni Matryx por Pixabay

11 de maio de 2020,

Há três tipos de mentiras: as mentiras, as mentiras deslavadas e as estatísticas. Tal frase é atribuída a Benjamin Disraeli, primeiro-ministro britânico ainda no distante século XIX. Quando o Brasil passa rapidamente dos 10 mil mortos oficiais pela Covid-19, me ocorre que esse número esconde, além da mentira da subnotificação, uma outra prática terrível: a desumanização da morte! Quem morre vira estatística, não um momento de dor e de luto para os que ficam, não mais um nome e uma história de vida, não mais o centro de um grupo social por onde orbitavam outras pessoas e de quem também faziam parte com suas próprias histórias de vida. Quem morreu cai numa vala comum da manchete do jornal e acabou-se. Sequer seu último suspiro pode ajudar que outros tenham melhor chance, dado que as estatísticas, ao que parecem, servem mais para um “Meu Deus, que pena!” do que “é preciso fazer alguma coisa para que não haja mais casos como o do João da Silva ou Maria Souza, pai e mãe da Alice e Juliano”.

Não é de hoje que fazemos isso. É só voltarmos um pouco antes da pandemia e nos perguntarmos: quantos de nós sabem que morrem, anualmente, mais de 60 mil pessoas no Brasil por morte violenta? Ou que sabem e se importam? Esse número representa 10% de todas as mortes desse gênero no mundo, dentre os mais de 190 países, incluindo aí todas as guerras em curso no planeta! Em 2019, até setembro, mais de 30 mil pessoas haviam sido assassinadas no Brasil[16]. De 2006 a 2016, foram mais de 500 mil. A Folha de S. Paulo[17] fez as contas: “mais da metade do número de soldados ingleses, franceses e italianos que perderam a vida na Segunda Guerra Mundial (1945-1949)”. O que isso nos causou? “Oh, meu Deus, que triste!”, ao invés de algo como “o que podemos fazer para acabar com as cinco
Covid-19 que temos anualmente?”

Quem está no grupo de risco deve se lembrar quais eram as manchetes policiais na sua infância. Quando alguém era assassinado, havia destaque, a imprensa acompanhava os desdobramentos e muitas vezes não sossegava até que houvesse uma resolução. A vítima tinha nome, profissão, sabia-se onde morava, e já na matéria levantavam-se as motivações, bem como os possíveis suspeitos. No interior, algumas cidades pequenas ainda vivem assim, pois mortes violentas devem ter a comoção necessária da comunidade. A morte de um dos nossos é a morte de um pedaço de cada um, seres gregários que somos. Não é à toa que, para muitos cientistas da Humanidade, a morte é o que nos define. A consciência de sua existência, que nos encontrará em breve, guiou nossos passos pela Terra, na ânsia de fazer valer a pena este segundo de existência.

Quando em um fim de semana morre gente suficiente para inviabilizar a publicação de um jornal contando a história de cada um desses dramas, dá-lhe estatísticas. Número não tem nome nem cara, não dá para saber se é aquele filho da Candinha, ou se o horrível assassino é aquele facínora que devia estar na cadeia antes ou o pobre coitado que apenas procurou se defender. Se não sei quem são os humanos atrás da tragédia, não preciso (ufa!) me envolver. As estatísticas, portanto, nos servem como uma bela anestesia aos nossos sentimentos, uma brutal insensibilização. Mas, poxa, isso não é legal? A gente já sofre tanto.... Não, não é. Nossos antepassados, na maioria, tiveram vidas sofridas. É da Humanidade, a resiliência é também o que nos define. Estamos vivendo tempos em que sofrer se vende como um item opcional, e as estatísticas são um produto de consumo para esses tempos.

Bem, talvez eu esteja exagerando, os estatísticos podem levantar inúmeras vantagens sobre seus dados (sim, concordo que elas existem de montão, principalmente para estabelecimento de políticas públicas). Mas, talvez essa visão negativa seja herdada da minha sensibilidade biológica provocada pela minha asma, bronquite e alergias. Desde o princípio da

pandemia, minha preocupação é virar estatística: ficava realmente furioso de pensar que, se morrer, vou entrar naquela cota dos com "doença pré-existente". Percebe que a responsabilidade de morrer passaria para mim? Ora, quem mandou ser asmático, bronquítico e alérgico? Mesmo que eu administre com obsessão a minha doença crônica e, graças a isso, há muitos anos não tenho crise, a estatística salvaria as poucas pessoas que saberiam do ocorrido. Elas se anestesiarão com algo como "ah, é porque ele tinha asma, por isso morreu". Como assim, helooo, quem me matou foi um vírus, e não lá muito forte, mas que teve a capacidade de escancarar o quanto nosso sistema de saúde, público e privado, estava despreparado, o quanto não houve de investimentos anteriores, mesmo que seus colegas vírus e bactérias tenham dado *spoiler* nos últimos anos. Essa conta não é minha, mas as estatísticas...

Esse protesto, estou quase certo, não se faria ouvir. Já estarei nas mudas estatísticas, essas efêmeras estatísticas, que saem já com vontade de serem esquecidas para que recebamos as seguintes. Esse desprezo é apropriado pelos poderes de gestão da coisa pública. Fica bonito falar em números, inclusive os profissionais de oratória recomendam. Com isso, o palestrante mostra conhecimento, mas, ao mesmo tempo, não choca seus ouvintes, anestesiados com algarismos e não escancarando sangue no *power point*. A cara de preocupação do apresentador serve como catarse momentânea e vida que segue depois dos "é o que temos para hoje".

Precisamos ver as pessoas, é preciso se sensibilizar. Talvez por isso a tragédia de outro mal, da AIDS, tenha tomado um caminho diferente. Milhões morreram nas últimas décadas, mas outros milhões convivem com as soluções que a ciência achou e transformou uma morte certa em uma doença crônica tratável. Como foi uma doença que se alastrou com menos velocidade, os nomes e suas histórias de vida foram incomodando e movimentando as comunidades científicas e governamentais. O atacado da Covid-19, somado a nossa atual dependência patológica de

novidades a cada deslizada de dedo, fez os gripados terminais serem pipoca diante do filme em velocidade máxima em que atuamos. O que também justificaria o aumento de casos de HIV[18], dado que tal doença, uma vez longe dos olhos mas dentro das estatísticas, não seja mais nossa prioridade na atualização do site humano.

O desprezo das estatísticas pelas histórias de vida daqueles numerados também deve ser a justificativa (às vezes, injusta) do porquê as ciências humanas também as desprezam em suas investigações. Não deveriam, como também não deveriam as áreas da saúde, entre outras, olharem com ainda maior desprezo para as pesquisas qualitativas da nossa área (certamente, respeitando aqueles inúmeros pesquisadores que acreditam haver alma ou coisa parecida atrás dos números). Como sempre, o Humano está no meio das radicalidades, rindo de até onde podemos chegar com nossas idiossincrasias.

Sim, as estatísticas têm importante papel, mas, repito, este não é o de insensibilizar a Humanidade. É para incentivar, alertar, colocar sangue nos olhos e nos excitar em busca de soluções, habilidade que é outra das nossas boas características.

Mas, por isso, me permito a raridade do exercício de pessimismo. Esse é um dos motivos pelos quais não acredito tanto nas mudanças que dizem vão acontecer depois da pandemia. As estatísticas da gripe espanhola não sensibilizaram a Humanidade para investir o suficiente para evitarmos uma nova tragédia. Como em outro dito, “o homem é o único animal que tropeça duas vezes na mesma pedra”. Aliás, frase atribuída a uma série de pessoas, mas que não consegui ter certeza de nenhuma (o Papa disse em 2017, mas já conheço há décadas..., ah, também não está na Bíblia, já procurei). Por sinal, a atribuição da frase que abre este artigo pode ser também uma mentira, já que não há comprovação de que seja mesmo do ex-primeiro ministro.

É... na vida não é fácil achar a tal verdade. Mas tentar escondê-la atrás de frios números só nos torna mais tristes.

16 Brasil registra queda de 22% nas mortes violentas em 9 meses, revela índice nacional de homicídios. G1, 25 nov. 2019.
17 Total de mortes violentas no Brasil é maior do que o da guerra na Síria. Folha de S. Paulo, 6 jun. 2018
18 Brasil registrou aumento de 21% de casos de HIV entre 2010 e 2018, diz ONU. UOL, 14 out. 2019.

Educadores também são heróis e podem nos mostrar uma nova EaD

Os professores merecem reconhecimento
pela transição para Youtubers da Educação!

Imagem de Michael Kopp por Pixabay

25 de maio de 2020,

É notável como os professores têm se virado nesta pandemia! É notável como eles, de um dia para o outro, mudaram toda uma vida de quentes metodologias presenciais para uma vida fria, de frente para a câmera do computador ou de um estúdio. É notável o esforço de instituições públicas e privadas que tentam não deixar a deus-dará um ano que não pode ser simplesmente riscado da vida dos estudantes. É notável que as instituições públicas, com muito mais dificuldades que as privadas, se esforçem para manter a cabeça fora d'água, mesmo com tanta marola contrária. E é uma pena que tudo isso pode ser em vão, quando ignoramos os educadores e essas iniciativas como o que é possível, não o ideal. E que será ainda mais triste se não aproveitarmos esse momento notável, embora trágico, para repensarmos o uso de tecnologias de ensino virtual e a distância para o ensino básico. Finalmente!

Neste momento, vejo os professores dando videoaulas na Rede Minas no programa Se Liga na Educação. Trata-se da maneira como a Secretaria de Educação de Minas Gerais está tentando lidar com os milhares de alunos que ficaram sem aulas. Não me interessa, neste texto, a qualidade do ensino e as potencialidades do aprendizado, mesmo porque é um debate rico, mas inconclusivo, pois haverá sempre argumentos contrastantes e, nem por isso, totalmente errados. O que me importa aqui é: basta ver os professores em cena e o material de apoio produzido para saber que houve uma enorme mobilização de educadores para, enfim, fazer alguma coisa. E, de fato, foram dezenas de apostilas, centenas de videoaulas, milhares de horas-aula de planejamento, produção e execução de material didático, feito em um curtíssimo espaço de tempo. Editoras e franqueadoras de material didático gastam meses para fazer o que essa turma de educadores fez em semanas. Não vi ninguém louvá-los por isso!

Essa realidade da educação pública de Minas Gerais pode ser multiplicada por todo o país, por outras secretarias estaduais, municipais, e escolas privadas. Não dá para quantificar quantos educadores e nem quantas horas-aula foram investidas para atender a demanda que a pandemia causou. Mas é inegável que nunca houve um movimento em prol da educação básica com tanta mobilização. Sim, para mim essa galera é formada por outros heróis a serem lembrados e referenciados, embora, injustamente, têm sido relegados por quem os confunde com os políticos à frente dos governos e os capitalistas donos das escolas. É como se, ao invés de estarmos justamente agradecendo aos esforços dos profissionais de saúde na batalha por salvar vidas, estivéssemos dizendo algo como "esse pessoal aí só está aplicando soro e utilizando equipamentos sofisticados de monitoramento pulmonar para poder ganhar voto nas próximas eleições ou aumentar os lucros dos hospitais". Pensar assim é justo com esses calhordas, mas totalmente injusto com quem está fazendo o seu melhor para não deixar os estudantes completamente desamparados.

Uma vez mais: legítimo brigar pela qualidade, contra a precarização do trabalho dos docentes e gestores assalariados da educação, e todas as demais mazelas que tais iniciativas trazem. Mas nada disso pode tirar o brilho desses professores, no esforço de tentar, contra toda uma formação acadêmica e profissional e uma estrutura que trabalha em desacordo com os seus objetivos. De um dia para o outro, todos nós nos transformamos de mais ou menos simpáticos professores presenciais em desajeitados *youtubers* educativos. Não foi justo, também. Eu tenho mais de dez anos como âncora de telejornal, e ainda assim nunca me atrevi a dar uma videoaula em meus mais de 20 anos de docência. Quanto tive de encarar uma diminuta câmera, agora, as borboletas do estômago me levaram ao quase pânico e passei noites insones antes da estreia.

Se eu, que tenho intimidade com câmera, me senti assim, como terá sido com esses professores da Rede Minas (e por todo o Brasil)?

Responsáveis por substituir todos os seus colegas presenciais, ter sua imagem levada a milhares de pessoas e não poder contar com o nosso principal esteio: o olhar dos nossos estudantes! É o seu brilho, ou a falta dele, que dá energia ou redireciona nossas aulas. E nem estou falando daquelas interações verbais, que nos ajudam a reforçar uma temática quando não estávamos sendo claros, ou aquela pergunta inusitada, que redireciona o ensino para onde ele deve ir: direto para o interesse do estudante. Não, agora quem nos olha é um pedaço de vidro. Pior, é a nossa imagem invertida, que nos vê e nos questiona, com muito mais crueldade e rigor, muito mais que nossos alunos.

A tarefa dos professores do ensino público, que transmitem suas novas teleaulas para milhares de pessoas via televisão (mais do que *youtubers*, portanto, mais para Fátimas Bernardes ou Faustões, veja que comparação acachapante....), é hercúlea se comparada a de quem abre uma sala no Zoom e outras plataformas. O que não torna o nosso trabalho mais fácil: tivemos que providenciar apostilas e exercícios, e tirar de cada um de nós um Marcelo Tas para não adormecer nosso aluno do outro lado. Agrega-se a isso também a reforma predial que tivemos que fazer naquele quarto de despejo, na sala ou mesmo no nosso quarto de dormir, expulsando nossos familiares nos momentos de sala de aula, enquanto nos transformávamos em técnicos audiovisuais ao melhorar a incidência da luz, a sonoridade do audio, o enquadramento da câmera. Além de termos nos tornado sócios de nossos empregadores, uma vez que a energia elétrica, o pacote de internet, o mobiliário e até o cafezinho agora estão por nossa conta.

Injusto, tudo muito injusto. Ainda mais se, conforme já disse antes, não vier com o reconhecimento das pessoas: gestores políticos, donos das escolas, pais e responsáveis e, de acordo com a idade, também pelos estudantes. Sim, não é vergonha dizer: nós, professores, somos motivados pelo reconhecimento, mas também pelo retorno sincero do que estamos fazendo, principalmente no que podemos melhorar. Por

outro lado, esse momento só será verdadeiramente aproveitado de pudermos olhar o quadro mais amplo e, por exemplo, elencar oportunidade de consolidarmos as lições que esse esforço nos proporciona. Consigo elencar algumas:

É preciso, urgentemente, **repensar a formação de nossos professores.** O uso de tecnologias de informação e comunicação raramente tem lugar nas grades dos cursos de licenciatura ou de pedagogia. Se o futuro professor se interessar por isso, ele que vá procurar uma especialização! É injusto dizer que a educação se mantem como há dois séculos, haja vista que inúmeras iniciativas de educadores mostram belas inovações. Mas também é inegável que são iniciativas mesmo, pois não foram inspiradas nas diversas metodologias ensinadas durante o curso. Tais metodologias são importantíssimas, mas numa sociedade da informação audiovisual, um professor ou pedagogo tem que sair da escola com um mínimo de noção sobre como dar uma teleaula, como organizar um roteiro, como planejar um curso a distância, como elaborar uma tutoria EaD e materiais de apoio. E ainda: ensinar os seus alunos algo parecido, como utilizar as mídias enquanto instrumento de informação e expressão (uma vez que já o fazem, mas sem o devido e verdadeiro Conhecimento de como fazê-lo). Não é uma disciplina de 40 horas, em boa parte perdida em como montar um *power point*! Não ousaria dizer que deva ser transdisciplinar, mas é preciso ter Uso de Tecnologias para Educação I, Uso de Tecnologias para Educação II.... Ah, mas eu quero ser um professor presencial! Sem problema: você também tem o direito de não querer ser um professor montessoriano, mas, se passou por uma universidade, tem a obrigação de saber quem foi Maria Montessori e qual metodologia ela propôs. Até para que você possa negá-la com propriedade, e não por desconhecimento. Assim mesmo deve acontecer com o uso de tecnologias na educação: você pode nunca querer dar uma video aula, mas é preciso que você saiba quais são os seus fundamentos, até para que deixe de discriminar aqueles que as

dão. Além disso, bem, 99% dos professores antes da pandemia também não queriam dar videoaulas....

É preciso, urgentemente, repensar a EaD para o Ensino Básico. Temos um país continental. Áreas vastas com péssimos sistemas de transporte público, imagine então o de transporte escolar. Em Minas Gerais, um estado do sudeste endinheirado, há distritos que ficam a centenas de quilômetros da sede do município. Acho que posso parar de elencar as dificuldades, tanto para o aluno ir à escola, como dos professores se deslocarem até os alunos. Mas raramente se discutia a EaD como uma opção. Certamente não é a ideal, educação precisa de presencial, da socialização, o Conhecimento acontece na interação. Mas se basear nessa importante premissa e não oferecer algumas boas opções, é dar razão ao utópico ótimo, que nunca irá acontecer (nem presencialmente). Não faltam exemplos, no passado, de projetos que, de alguma forma e em algum momento, funcionam, como os Telecursos, a TV Escola e a Hora do Enem, todos projetos em parcerias entre o poder público e a iniciativa privada. Eram pontuais, pois ainda vigorava a ideia de que tudo feito a distância é ruim. Pois bastou um vírus e os projetos engavetados tomaram forma. Que eles, depois da pandemia, tomem outras formas, a de programas que resolvam verdadeiros problemas que a distância provoca. Mas fica um ainda maior alerta: é certo que capitalistas e políticos gananciosos vão querer surfar na onda e pensar no EaD como um instrumento, não de inclusão social, mas de cortes de gastos. Aí, sim, #tamo junto para brigar. A EaD para o Ensino Básico deve ajudar o garoto na cruel realidade apontada pelo Luke, não para encher bolso de ninguém. O que não pode é, por conta desses pilantras, continuarmos não assistindo quem precisa de educação. Como estamos vendo: tem conteúdo, tem tecnologia, e agora já temos professores formados na batalha. Com mais tempo, somado à experiência, podemos dar um salto na Educação daqueles com dificuldades de entrarem no sistema formal das escolas

É preciso, urgentemente, repensar a EaD. Chega de postar um video e dizer que isso é EaD! Educação precisa de professor o qual eu posso chamar pelo nome: fora isso é video educativo (que pode ser ótimo, mas não é EaD). A melhor opção, até o momento, são os professores tutores. Educadores especializados em dar suporte, nos mais variados níveis, desde para aquele aluno altamente disciplinado e autônomo, que o quer apenas para se sentir seguro do que ele já sabe; como para aqueles que são inexperientes com a prática de se educar a distância. Outros professores são igualmente importantes na cadeia de conhecimento: conteudista, revisor, avaliador, e quem mesmo vai ficar à frente da câmera. Não é incomum, nem desnecessário, que um educador acumule funções. No entanto, é preciso prever o custo de cada atividade e remunerar o professor para isso. E é preciso trazer para essa remuneração questões que os dirigentes capitalistas ou mesmo os dirigentes públicos têm assobiado e olhado para cima: direitos de imagem e editoriais (sobre apostilas e demais materiais de apoio), assim como o número de alunos atendidos por docente (e dar fim nessa história de professor tutor atender centenas de alunos - o que certamente inviabiliza a personalização do atendimento defendida acima). Por fim, aproveitar o momento para ratificar duas importantes verdades da EaD: 1) se feita corretamente, ela não traz um corte significativo no orçamento da educação formal, já que custos presenciais são substituídos pelos custos tecnológicos e de produção de material de apoio; 2) os professores continuam sendo o centro do processo educativo, não uma plataforma na nuvem.

É preciso, urgentemente, repensar a internet e a radiodifusão para o interior do Brasil. Nada disso adianta se o Brasil continuar utilizando sua distribuição de internet, e também os sinais das televisões públicas, como mais um fator de desigualdade social. A Rede Minas precisou de mais de 35 anos e uma pandemia para saltar de meros 86 municípios (de um total de 853) para 271[19] depois de iniciado o projeto de levar as aulas para os estudantes em casa. É uma vergonha para uma emissora pública

bancada por todos os mineiros, não só pela população de seus 10% de cidades. Mas, é claro, a história é outra, pois o desprezo pela emissora como veículo social está entranhada, não na sua equipe, mas naqueles que deveriam conduzi-la para o seu verdadeiro papel. Será o momento de consolidar as emissoras públicas que, depois, além de manter seu aspecto educativo formal, podem ampliar a informação, oferecendo o conteúdo cidadão que as emissoras comerciais se negam a fornecer. Do mesmo modo, escancarou-se como a cobertura da internet é uma ilusão elitista, pois 46 milhões de brasileiros e 15 milhões de lares ainda não têm acesso que preste[20]. E quem tem, tem que pagar um preço incompatível com a qualidade do que recebe. Várias reportagens têm demonstrado as dificuldades dos estudantes para acompanhar as aulas a distância e o ENEM se mostrará mais um fator de desigualdade, pois justamente aqueles sem recursos, financeiros e tecnólogicos, terão menos oportunidades de se preparar. Portanto, mais uma oportunidade de se tirar da gaveta o velho plano nacional de internet, assim como o de ampliação dos sinais abertos e gratuitos das emissoras públicas. Sim, me parece também aí sonhar demais, mas que essa pandemia nos dá a oportunidade de reiniciar a briga, isso dá.

19 Rede Minas amplia sinal para levar aulas de ensino remoto a mais cidades. Paulo Henrique Silva. Hoje em Dia, 22 mai. 2020.
20 No Brasil, 45,9 milhões de pessoas ainda não acessam a Internet. Ana Paula Lobo. Convergência Digital, 29 abr. 2020.

É preciso falar sobre o 5G

5G: apocalipse now?

Imagem de Ria Sopala por Pixabay

15 de junho de 2020,

Eu tinha desistido de pensar no 5G, o novo sistema de transmissão de internet que vai suceder o 4G. Pensei, “esse troço não vai chegar aqui tão cedo, o 4G nem ainda está perto de estar pelo Brasil, e temos coisas mais importantes para pensar agora, como a Covid-19”. Embora eu continue ainda a acreditar nos dois primeiros argumentos, estou também acreditando em teorias de conspiração que nos dizem que outro malefício do novo coronavírus é nos deixar de fora de outras questões. Quando pudermos finalmente prestar a atenção, já era!

São meus amigos e colegas, que têm muito mais experiência e conhecimentos sobre a temática, que me deixaram de orelha de pé: o 5G tem mesmo o potencial de revolucionar o mundo da comunicação e informação, e a pandemia já nos dá forte mostra de como isso pode acontecer. E, claro, se não prestarmos a tal devida atenção, que não se tenha dúvidas: quem menos pode é quem mais vai perder. De novo!

Vamos lá: antes de 1990, todas as pessoas, sim, todas as pessoas assistiam TV de graça! Repetindo: de graça! Quem pagava a conta era o mundo publicitário. E com razão! Afinal, se eles queriam a nossa atenção, que nos dessem algo em troca. Não preciso repetir a importância cultural, social, de entretenimento, que a TV tem para o Brasil, certo? Talvez baste dizer que é, ao mesmo tempo, o principal veículo de informação e entretenimento em um país continental, ditando pautas e direcionando comportamentos.

Mesmo que tais características tenham forte poder de influência sobre a população, não sou dos que acredita na manipulação automática. Há uma série de fatores que a fortalecem, mas há também outros que caminham em direção contrária. Sério, desde a faculdade (lá nos anos 1980) escuto “Fora Rede Globo” e o engraçado é que, naquela época, era a turma de esquerda! Ou seja, a desconfiança e uma certa resistência sempre

acompanharam, em maior ou menor medida, as comunicações em massa. Mas o que importa é que, com seus defeitos e qualidades, a televisão é um importante componente da nossa cultura, e de nossa maneira de ver o mundo e se colocar em comum (*comunicare*) com ele.

Volto a dizer: fazíamos isso de graça! Hoje, classe média que sou, já pago por isso: tenho TV paga e assino mais três outras plataformas de video sob demanda. Me assusto ao escrever isso agora. Ou seja, fui incorporando essa nova forma de consumo aos poucos, sem perceber que assumia uma perda. As empresas capitalistas fizeram bem o seu papel comigo e meus pares, mas ainda falta muito território a conquistar. Pelo jeito, é só uma questão de tempo.

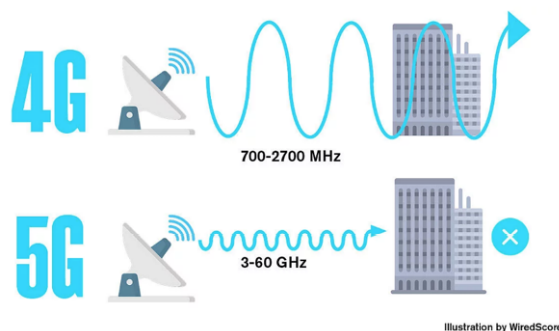
Onde entra o 5G nisso? Vamos lembrar de outros “avanços”. Antes, ter uma linha de telefone era artigo de luxo. Que bom que não é mais! Mas é preciso ter mais de uma (o país já superou essa marca, incluindo as crianças)? É preciso ter mais de um smartphone (idem)? Certamente, a estatística não mostra a desigualdade e a exclusão digital. Um em quatro lares não tem internet, e uma entre quatro pessoas não tem acesso a internet, segundo dados da Pesquisa Nacional de Amostragem de Dominicio Contínua (PNAD Contínua).

Portanto, é nesse cenário desigual e caótico de tráfego de informação que nos aparece o 5G. E a dúvida sobre o 4G, na realidade ele nem vai precisar estar aplicado no Brasil. Pode e deverá ser atropelado pelo 5G sem cerimônia. Para que preciso passar pelo IPhone 10 se já posso pular para o 11 quando ainda tenho o 9? Ah, mas e o meu aparelho de telefone novinho que acabei de comprar? Ora, esse é o mundo do consumismo, já que gostamos de trocar anualmente não vai fazer diferença, não é mesmo?

O buraco, além de ser ainda mais embaixo, parece não ter fundo. O 5G é simplesmente 20 vezes mais poderoso do que o 4G. E o que significa esse poder? Que tudo, praticamente tudo, poderá ser transmitido via seus sinais. Inclusive os sinais de televisão. Portanto, é o fim de antenas

espinha de peixe, antenas parabólicas e, por que não, a recém e ainda não completamente implantada TV Digital. Ora, para que ligar a SmartTV (não se vende de outro tipo mais) em uma antena basta acionar a rede disponível e, com isso, ampliar assustadoramente o número de opções de canais (mesmo que eu só vá assistir os mesmos três canais que já assisto na TV aberta)? Ora, serão apenas mais R$ 19,99 na conta de telefone que já tenho. Puxa, mas e aquele programa da Globo? Ah, é mais apenas R$ 12,90. Beleza! Mas queria ver os jogos do meu time? Tudo bem, só mais R$ 90 por mês (mais barato que pagar ingresso, não é mesmo?). E por aí vai...

Acha que estou exagerando? Pergunte a alguns europeus, em especial aos portugueses[21]. Ainda sem o 5G, uma telefônica ganhou o direito de conduzir o processo de transição da TV Analógica para a TV Digital e hoje os nossos patrícios (que também gostam muito de TV e futebol, como nós) só podem assistir seus times se pagarem!

E tem mais: os superpoderes do 5G têm alto preço. Como um caminhão que carrega muito mais carga do que os veículos que o antecederam, mas que usam as mesmas estradas (o espectro por onde trafegam os sinais), algo tem que ser compensado. E se você já se acostumou com a presença de antenas pela cidade, embora com um certo incômodo, vai ficar ainda mais incomodado: é preciso MUITO mais antenas, pois o caminhão, por conta do seu "peso", terá que parar em mais "postos" ao longo do caminho, para transferir a carga. Agrava-se o fato que, também por conta da robustez de seu volume de informação, tem dificuldades de passar por objetos sólidos, como edifícios. Então, dá-lhe mais antenas e repetidores. Dá para imaginar o custo da brincadeira, associada a poluição visual e os ainda não estudados impactos na saúde dos próximos a tais antenas (e consequente chuva de demandas judiciais de gente que não vai querer tais aparatos técnicos perto de sua casa)?

“A visualização de diferentes comprimentos de onda entre 4G e 5G
mostra a permeabilidade do sinal.” In: Vaughan, C.
O que significa o 5G roll-out para a propriedade?

E ainda não estamos no meio do caminho do poço. Pense que essas questões acima não são uma exclusidade brasileira, mas do mundo todo. Então, não cabe na minha limitada cabeça a quantidade de números financeiros que comporta essa mudança tecnológica por todo o globo. E, se tem tanta grana envolvida, há também igualmente volumosos interesses político-partidários por todas as nações (inclusive a nossa, como veremos adiante). É daí uma das principais (se não a principal) tensão entre os EUA e a China, de quem vai comandar a bagaça e ganhar muito dinheiro e poder político global com isso.

Bem, e se ainda fosse só dinheiro, ainda poderia ter a desculpa que, *sorry*, estamos vivendo em um mundo capitalista. Mas é muito mais do que o dinheiro imediato, e sim da instalação da Matrix: ora, se estou falando em trânsito de dados, estou falando em domínio e manipulação de dados. Mesmo nos Correios, embora eu espere que eles não mexam nas minhas cartas, no meu pacote com um livro que mando a um amigo, nada, nada me garante, exceto a palavra deles de que não vão fazer isso. Se já era assim no meio físico (que ainda podia desconfiar caso a correspondência fosse violada), imagine no digital. E, deixemos de inocência, já acontece: semanalmente recebo ligações de bancos privados me oferecendo produtos a partir de informações minhas que, a princípio, só eu e o banco de dados federal têm. Se o governo já não

cuida da minha intimidade como deveria, isso vai acontecer com o setor privado?

Porque, na real, ao começar a assistir televisão pelo 5G, e votar no BBB, acompanhar partidas de futebol e outros esportes, maratonar séries, fazer e-commerce, participar de videoconferências, estudar em EaD... o volume de informação que vou dar para a minha operadora é uma mina de ouro que nenhum profissional de marketing jamais sonharia quando patrocinava o meu programa de TV aberta gratuita preferido.

No Brasil, o leilão para o uso do espectro está bem complicado, mas nenhuma das complicações é exatamente para se aproveitar a nova tecnologia e tentar resolver os problemas de exclusão digital. O governo federal quer aproveitar é para estreitar ainda mais seus laços afetivos com os EUA[22], embora seja importante ressaltar que a tecnologia chinesa nada tem de santa, com falta de transparência do sistema de controle de informação de sua própria população. É para deixar qualquer um desconfiado do uso de nossos dados.

E tem mais: já está comprovado que os sinais de 5G vão interferir nas antenas parabólicas[23], aquelas mesmas no interior do Brasil, justamente daquelas pessoas que não tem acesso a TV aberta terrestre gratuita, pela distância dos centros urbanos ou de antenas com qualidade de sinal que preste. Mesma turma que, igualmente, não tem sido atendida pela TV Digital. Ou seja, os novos sinais ainda são capazes de tirar essa turma, literalmente, do ar. A briga tem sido boa entre as emissoras de TV, que não querem perder (mais) esse público, e a telefônicas, que precisam deste espectro, mesmo que seus caminhões carregados de informação vão atropelar algumas carroças pelo caminho. As telefônicas estão jurando de pé junto que vão cuidar disso, colocando filtros nas antenas parabólicas. Já as TVs querem pular para outra pista do espectro, ficarem longe do tráfego pesado, mas isso significaria mudar toda a tecnologia de ponta a ponta (imagine o custo). As únicas certezas são que não existe resposta fácil, que haverá um dispêndio de grana considerável, quem vai

pagar é o contribuinte e, bem, essa é por minha conta, as pessoas pobres ficarão ainda mais pobres, agregando às suas atuais carências os produtos mais valiosos do Séc. XXI: informação e comunicação social. Ah, também acho que as telefônicas multinacionais vão levar a melhor, afinal, elas têm muito, mas muito mais dinheiro que as TVs locais.

Atenção: de forma alguma acho que o 5G não seja importante. Ao contrário, tal tecnologia é fundamental para a implantação das Cidades Inteligentes, em que o volume de sensores de captação de dados, assim como a sua sistematização, é um dos gargalos. Não sabemos tratar dados para benefício social: somos um país onde cada estado produz um registro pessoal e, com isso, causa uma confusão de identidades legais, quando o uso de um único número, como o CPF, já ajudaria a centralizar dados; onde, para distribuir recursos em uma pandemia, encontram-se milhões de pessoas inexistentes na vida legal, mas que passam fome na vida real. Portanto, ter dados em uma cidade, e que eles sejam colhidos factualmente, periodicamente, sistematicamente, de forma ordenada e segura, com respeito à privacidade, é fundamental para se construir políticas públicas para uma cidade mais justa. Outros benefícios, como a EaD para população de baixa renda e acesso a benefícios públicos online, também seriam mais bem aproveitados. O problema é quanto isso iria custar ao cidadão. Sim, é necessário, portanto, pensar em 5G público.

É engraçado dizer isso no último parágrafo, depois de tanta coisa negativa: mas não acredito que seja um cenário apocalíptico! Antes mesmo da pandemia, a Europa já passava por um período de grandes questionamentos sobre o uso de dados, inclusive processando fortemente as empresas do setor. No Brasil, começava-se também um movimento neste sentido, embora timidamente, e que estava, de alguma forma refletida na Lei Geral de Proteção de Dados - LGPD. Com a Covid-19, pode-se mudar o foco da Humanidade para a necessidade e o valor da informação e da comunicação social, de políticas públicas que visem mais as questões sociais que as comerciais, e que mesmos as comerciais

podem se beneficiar (se não, sobreviver), quando as sociais são levadas em conta. Ou seja, é possível fazer uma transição social com o 5G, desde que tanto a gente como nossos representantes pensemos primeiro na tecnologia como instrumento para resolver problemas sociais, e não para remunerar acionista. Como se viu também na pandemia, a televisão gratuita, a informação adequada, a comunicação verdadeiramente social, tem muito mais a contribuir do que o produto pago e a informação distorcida por objetivos pessoais. Mesmo para a economia como um todo.

Que venha o 5G, mas não tirem a novela, o telejornal e o esporte gratuitos da vida já tão dura dos brasileiros.

Agradecimentos ao bom amigo Fernando Moreira, da Broadcast Media Lab, que me iluminou sobre a temática.

---

21 TV Digital portuguesa e as lições para o Brasil. Blog Comunicação, Educação, Tecnologia e Cia, 11 mai. 2015.

22 Bolsonaro: leilão 5G passa por política externa e preço não pode ser único critério. Henrique Julião. Teletime, 12 jun. 2020.

23 Como as TVs parabólicas viraram um problema bilionário para o 5G no Brasil. Helton Simões Gomes. Tilt/UOL, 15 jun. 2020.

Contos Pandêmicos: Piadas Tristes

Torpe tentativa de meme... para quem vai ler em 2021: inspirado na resposta do Presidente Bolsonaro sobre as milhares de mortes causadas pela pandemia no Brasil.

1º de junho de 2020,

Essa epidemia está me tirando do sério! É sério! Me vem na cabeça um monte de piadas ruins e recicladas, mas não posso me conter. Faz parte da vida de um diário aguentar essas coisas, *sorry*! É um humor sádico, segura aí:

O Papa, Trump e Bolsonaro entram num bar.

O barman oferece máscaras para eles.

O Papa diz: “Eu não preciso, porque Deus me protege”

Trump diz: “Eu não preciso, porque o capital meu protege”

Bolsonaro diz: “Enfia no cu!”.

Um bolsonarista e um petista foram roubar um pato. O petista deu pezinho para o bolsonarista subir no muro. O bolsonarista caiu do outro lado e matou um bocado de pato. A polícia chegou na hora e perguntou para o bolsonarista por qual pato morto ele era responsável:

- Ora, qualquer um, tá ok? E daí?

Ah, e a polícia também liberou o petista, que disse que não tinha nada a ver com o pato.

Bolsonaro, Ângela Merkel, a Rainha Elisabeth II e Trump estão no avião em chamas e só tem mais três paraquedas.

Trump: “A nação norte-americana precisa do seu líder neste momento”– pega um paraquedas e pula.

A Rainha Elisabeth II: “O povo britânico precisa da sua monarca neste momento” – pega um paraquedas e pula.

Ângela Merkel: “Jair, neste momento, o seu país é onde mais morrem pessoas. A Alemanha tem outros líderes e está saindo da pandemia. O Brasil precisa do seu líder.” – e lhe entrega o último paraquedas.

Bolsonaro: “Comunista!”

Bolsonaro morre e chega ao Céu (não me pergunte como, deve ser por conta do slogan...). Dão para ele um quartinho bem humilde, num cantinho largado. Fica inconsolável vendo *lives* do Aldir Blanc, Moraes Moreira, Gilberto Dimenstein, Sérgio Sant’anna, em locais muito melhores.... Vai reclamar com São Pedro:

- Eu que fiz muito mais pelo Brasil, merecia algo melhor.

São Pedro disfarça o riso e diz:

- Misericordiosos que somos, podemos lhe conceder um desejo. O que você mais gostaria?

- Quero estar num lugar espaçoso, para onde virão meus filhos!

Segue para a história seguinte.

Hitler, o invasor espanhol Hernán Cortés, Mao Tsé-tung, Stálin e Mussolini estavam consolando o Bolsonaro quando ele chega ao inferno.

Hitler: “Rapaz, aqui você pode torturar à vontade!”

Cortés: “Ih, espalhar a peste e ver as pessoas morrerem é *happy-hour*!”

Tsé: “Censurar e destruir, e dizer que é revolução cultural, são as atividades das quartas!”

Stálin: “A gente se mata de rir acabando com as instituições e ex-correligionários!”

Mussolini: “Fascismo tá no café da manhã!”

Bolsonaro, ao invés de consolado, fica ainda mais indignado: “logo vocês acreditando nessa imprensa esquerdista!”

Um Bolsonarista e um Petista entram num bar.

Todo mundo se levanta e vai embora...

(Des) Ligue a câmera ou troque o abraço por uma careta!

Abrir sua cara e sua casa deve ser uma decisão pessoal?

Imagem de Lynette Coulston por Pixabay

29 de junho de 2020,

Abrir ou não abrir a câmera? "Pode abrir sua câmera para que eu possa ver seu rostinho?" Não sei de você, mas essa questão e esse pedido têm me incomodado um pouco. Na realidade, o incômodo é maior por uma série de fatores, mas que pode ser resumido como as novas formas de conversas digitais (aulas, reuniões), embora já existentes, ficaram escancaradas com a pandemia. Como é tudo mato (para quem não estava acostumado às reuniões videocorporativas) surge a urgência de, como nos momentos presenciais, estabelecer uma certa etiqueta para os encontros digitais. Dou um *spoiler* da minha opinião sobre a questão inicial: acho um saco a obrigação de abrir a câmera! Pronto, falei!

Há mais: também tenho preguiça de quem acredita que as reuniões e as aulas via plataformas digitais são coisas simples, e que basta replicar, em alguma medida, o que se fazia presencialmente. Não, não é! Não é simples, pois tudo é novo e não tínhamos esse costume. É preciso entender antes de tentar adaptar-se. Aliás, da turma que tenho lido e conversado, o maior problema sobre as novas relações midiáticas digitais é essa nossa outra preguiça de achar que é só uma questão de adaptação: o conteúdo é o mesmo, basta cortar e colocar modificando o *layout*! Pois bem, cada nova mídia tem características distintas: plataformas diferentes, conteúdos diferentes, públicos diferentes.

Então, não podemos simplesmente dizer ao ligarmos o computador e o smartphone, lincar na plataforma preferida e dizer, simpaticamente: "vamos fazer de conta que estamos presencialmente, tá?". Os buracos estão mais embaixo. Fiquemos em apenas três dos que acredito serem os mais importantes:

Cara a cara: pedir para ligar a câmera é como se, na reunião presencial, você sugerisse algo como "vamos conversar bem de pertinho, com um palmo de distância, tá legal?". Com exceção de uma balada, um

encontro romântico, isso não faz muito sentido. Tal proximidade é invasiva, a pessoa vê se aquela espinha que você espremeu na adolescência deixou marca! O cabelo mal cortado, a boca seca, o cabelinho do nariz, ninguém merece dividir isso comigo (deve ser por isso que a gente beija de olho fechado!). Agora, consegue imaginar essa reunião presencial com todo mundo na mesma situação, todos conversando a um ou dois palmos de distância? Porque é o que acontece naquele mosaico de rostos cansados ou alegres, escuros ou bem iluminados, mal ou bem penteados, com ou sem cabelinhos no nariz, na sobrancelha, no queixo e, deixa eu ver, nossa, na orelha!! Assim, como condenar alguém que não quer abrir sua câmera e dividir sua intimidade facial com as pessoas, e nem fazer parte de um mosaico mezzo cubista, mezzo surrealista? Por outro lado, eu quero exercitar minha expressão facial. Quero que o meu interlocutor veja que estou gostando da sua fala, e que quando eu disser algo, que não apenas me escute, mas leia meus olhos e o sorriso (ou desagravo) dos meus lábios. Mesmo que eu não pronuncie uma só palavra. Ah, também tenho um novo corte de cabelo, a minha camiseta é temática, sim, quero compartilhar com os meus colegas. Portanto, quero que as pessoas me vejam naquela circunstância. Ou seja, a única pessoa que pode avaliar a necessidade de abrir a sua cara é mesmo o dono dela.

Ambiente de fundo: porque a vida não é feita de só duas dimensões, tipo cara-crachá. O encontro não está acontecendo dentro de uma sala de aula ou de reunião. Então, qual é de achar que o ambiente é o mesmo do presencial? Estou adiando há séculos pintar aquela parede, a iluminação foi feita para o ambiente, não para o meu rosto, e não tenho culpa se a dispensa é o único lugar onde consigo condições técnicas e familiares para participar. Por que devo dividir também essas intimidades? Não é plausível acreditar que as demais pessoas vão relevar em função da grande missão em que estão todos imbuídos nessa aula ou reunião. Porque aquele produto de limpeza ali é o mesmo que eu uso, que

lindinho o bonequinho de pelúcia ou aquela parede está precisando de uma pintura! Não dá para desligar a atenção periférica porque a atenção dirigida é a que está pagando. Acredito que, também, é limitante, pois beneficiaria apenas aqueles que já se encontram em um ambiente: já dei aula para alunos que estavam num ônibus, ou mesmo dirigindo (que perigo!), e ligar a câmera, além de dar um ângulo muito esquisito, nada acrescentaria ao objetivo de vê-lo (e tentar repetir o presencial), e ainda consumiria uma enormidade no pacote de dados, pois não teria um *wifi* para chamar de seu. Por outro lado, puxa, preparei meu lugarzinho aqui para que meus colegas vissem minha coleção de bonequinhos ao fundo ou o resultado, finalmente, d'eu ter conseguido pintar aquela parede. Uma vez mais, decisão minha.

Percebe-se que, no presencial, as decisões tomadas no que se refere às expressões corporais que vou usar no encontro foram pensadas bem antes, quando escolhi a roupa, o tipo de maquiagem, o penteado, e ainda vou contar com o distanciamento de, pelo menos, um metro do meu interlocutor (portanto, ainda há espaço para disfarçar aquela camisa amarrotada). E que não tenho qualquer responsabilidade pelo ambiente, já que sou um visitante, e não o anfitrião do plano de fundo. Aquela parede descascada não é da minha responsabilidade.

A energia do presencial: Mas como professor, agora, digital, entendo também quem pede para ligar a câmera (embora tenho esperança de tê-lo dissuadido a fazer disso uma obrigatoriedade). Dentre todas as coisas que perdemos nas reuniões digitais, me parece que a troca de energia é a mais significativa. Eu fico exausto depois de uma aula! Quem coordena tem gasto de energia maior do que no presencial. Não é viajandão dizer que uma plateia presencial é que fornece a energia para uma boa apresentação. De atores de teatro, para quem já deu uma palestra ou fez uma apresentação em uma reunião ou aula todos sabem como é quando uma platéia está "fria", e a consequência dessa frieza em nossa atuação, o quanto borocoxô vamos ficando - e ainda saímos nos culpando de

como nossa performance é que foi uma desgraça. Da mesma maneira, o inverso, o quanto uma plateia "quente" nos empolga, nos dá autoconfiança. E não são as palmas, nem os comentários durante as apresentações o mais importante, embora elas sejam significativas ao longo da apresentação.

Os rostos, os movimentos sutis, o olhar e as feições da boca, a posição na cadeira, esses são os elementos que nos dizem como estamos indo e, sim, são os transmissores da "energia" que a plateia tem a nos enviar, ou não. Nada mais, literalmente, natural. Somos, enquanto espécie, muito mais versados nas expressões corporais do que nesses instrumentos subjetivos que criamos para nos comunicar e que chamamos de linguagem verbal. Se pegarmos o nosso gênero de origem, os *Homo*, com seus possíveis três milhões de existência na Terra, a linguagem verbal, ao que parece, nem estava na nossa melhor temporada até agora, os *Homo Erectus* (desculpe-me, os *sapiens* ainda não me convenceram inteiramente!). Especula-se que só com os Neandertais é que sairam as primeiras palavras, a cerca de 600 mil anos[24]. E que a linguagem verbal mais próxima do que vivenciamos só tem cerca de 50 mil anos. Portanto, não é à toa termos cerca de vinte músculos no rosto, instrumentação aperfeiçoada pela nossa trajetória evolutiva ainda que, mesmo quando estamos certos que estamos enganando bem, alguém é capaz de nos perguntar: "você está triste?"

Ou seja, estamos muito mais acostumados a nos comunicar por expressão corporal, aqui incluso desde a sobrancelha arqueada em dúvida como o caminhar de quem está vindo abraçar. Afinal, é a linguagem DOS que já vem no nosso sistema operativo de origem. Quer outra comprovação de como somos ruins em linguagem verbal, de como ainda temos dificuldade em sintonizá-la com a corporal? Quem nunca escreveu uma mensagem, um email, um Whatsapp e foi interpretado completamente fora da sua intenção? É porque sua intenção estava no seu corpo! Você pode ter escrito com um sorriso nos lábios, mas a pessoa

quando recebeu, entendeu que você estava rangendo os dentes! Daí que a gente entende por que foram criados os kkkk, rsrsrs, snifs e os Emojis: para tentar substituir nossa expressão corporal, mal e porcamente.

É desse movimento corporal de quem nos assiste é que vem uma espécie de energia cinética que nos reabastece. E ela não é digitalizada, não é transmitida pelo quadrinho na tela do computador. E se, quando buscamos a energia na plateia, não a temos, ora, buscamos em nós mesmos, nas nossas reservas. Daí a sensação de cansaço, estamos usando energias que não usávamos antes. Isso sem contar que, quem estava acostumado à audiência presencial, geralmente usa de artifícios de incentivo à participação e, conforme a simpatia e empatia da temática e de quem a apresenta, uma questão levantada é o suficiente para suprir os minutos planejados para o encontro. Como no encontro digital é difícil essa conexão - porque é de corpos, não de bits - quem o conduz parte do pressuposto que não vai acontecer e aí prepara muito mais conteúdos o que, de um lado, amplia mais o cansaço e, do outro, acaba também por deixar menos espaço para a participação espontânea, legal em eventos presenciais. Outro dia recebi um meme que resume a história: antes, um professor presencial pedindo que os alunos ficassem quietos para ele conseguir dar aulas. Agora, o professor pedindo pelamordedeus para alguém falar!

Então, entendo que pedir para abrir a câmera é uma bela intenção para que as conexões presenciais tenham oportunidade de acontecer. Mas, como todos sabemos, de boas intenções o inferno está cheio. É preciso rever como cada um quer ser visto e como deve participar. Também sabemos que silêncio não significa ignorar o que está sendo falado (pode ser da característica tímida da pessoa, ou o seu jeito de prestar atenção e guardar a informação). Da mesma maneira que ligar a câmera e estar sempre participando também não é sinal inequívoco de aprendizagem (pode estar apenas querendo aparecer). E, isso sim, independe de presencial e virtual. Alunos e plateia podem estar alienados aqui ou no

ciberespaço, e estar com a câmera ligada não é ligação direta como o conhecimento. E se só escutar estivesse num patamar inferior de atenção, os *podcasts* não seriam a nova sensação midiática.

Portanto, antes de pedirmos novas posturas aos humanos sobre suas novas invenções, pensemos de quê mesmo estamos sentido falta e que o aparato técnico tenta suprir. Para mim, o que estamos mesmo sentido falta é do contato físico, valorizado pela nossa cultura. Sim, queremos o abraço, o aperto de mãos, a mão no ombro de quem diz algo como "tamo aqui junto". Mas o que temos que saber é que o digital não é capaz de suprir isso. No entanto, o cara-crachá, quem sabe, pode resgatar uma das nossas mais interessantes qualidades comunicativas: o uso da expressão do rosto! Não sei quando sairá o manual definitivo das boas normas de uso de videochamadas e teleaulas, mas recomendaria dicas de exercícios de linguagem facial, da mesma maneira que recomendamos como se comportar e se vestir para reuniões corporativas. Caso quem coordene nos obrigue a ligar a câmera, estaremos mais seguros de nós mesmos. Até para entendermos ironias.

Enquanto isso, vai aí outra recomendação: nas reuniões mais descontraídas, na ausência de um abraço afetuoso, talvez uma careta seja uma boa coisa a se fazer, individual ou coletivamente. Talvez não traga nada de concreto ao encontro, mas certamente será divertido. E não precisaremos escrever kkkkk!

24 Quando e por que os humanos começaram a falar? BBC News/Brasil, 27 jun. 2019.

Quem quer viver para sempre?

Não se deixe enganar pelas carinhas confiantes: tudo imortal na fila do divã!

Em sentido horário, de cima para baixo, a nova Liga Extraordinária de Penny Dreadful, o highlander Connor MacLeod, Hancock, a (very) Old Guard e o primeiro de todos, Lúcifer (imagens: divulgação)

13 de Julho de 2020,

Imortais estão me perseguindo! Talvez seja a proximidade com a morte que uma pandemia nos traz, mas estou achando um tanto invasivo, sei não! Nos últimos dias, eles estiveram me enviando algum recado, embora acredite que seja extensivo à você, nossos vizinhos e à Humanidade. E se posso resumir a mensagem, me parece uma só: ser imortal é uma danação! Esquece! Parem de perseguir algo que, ao contrário do que pensamos, só nos mostrará o quanto precisamos da morte para nos definir. Ao invés de investir tudo na impossível imortalidade, é preciso fazermos desse nosso átomo de tempo algo que valha a pena. Mas, por que resolveram pegar no meu pé agora

Eu não acredito muito em coincidência. Há algo acontecendo. No meu caso específico, em uma semana me vi assistindo três produções audiovisuais em que os imortais são os protagonistas: *Penny Dreadful* (2014-2016), que junta um monte dos imortais clássicos (Drácula, Dorian Gray, a criatura de Frankenstein, entre outros); o novinho filme da Netflix, *The Old Guard*, com guerreiros eternos; e o filme da noite de domingo foi rever *Hancock* (2008), que me caiu ao acaso (ops!). Para completar a semana, fico sabendo da renovação de *Lúcifer*, outra série que acompanho (nem precisa apresentar o personagem, certo?) e participei de uma *live* em que uma das temáticas era a busca da imortalidade como agenda humana. Característica em comum a todos os personagens envolvidos (inclusa plateia da *live)*: uma enorme e acachapante angústia! Os imortais estão sempre em grande sofrimento mental

Tá certo, é um pouco diferente do nosso, agora, com a Covid, é verdade, mas ainda assim, uma angústia depressiva e filosófica: "O que significa tudo isso? O que sou eu? O que faço aqui? No que vai dar esse troço?", os olhares perguntam. Você (nos) olha e fica com dó! Uai, mas

todos nós não queremos ser imortais? A medicina tem avançado tanto... Morrer não seria apenas uma tecnicidade ainda não resolvida? Não é pela imortalidade que, para se viver eternamente, existem o céu, as dimensões espirituais, outros lugares de diárias permanentes, ou mesmo o inferno?

Mas voltemos aos imortais mundanos, os que ficam aqui com a gente, pelo menos na ficção. Não digo que o ser humano é um sujeito estranho? Almejamos a imortalidade e, quando a elaboramos na literatura e nas produções audiovisuais, colocamos como um peso enorme, impossível de se carregar, a tal ponto que todos os imortais do bem buscam a morte como fuga da agonia resultante da eternidade. Se tem uma bela função na Arte é essa de desvendar nossas idissiocracias, nossos becos sem saída perante nossas neuroses. A arte mostra, a nós mesmos, quem somos. Portanto, nada melhor que a literatura e as artes provenientes de sua inspiração, como a produção audiovisual, nos jogar na cara: ser imortal é incompatível à condição humana! É um desejo factual e egoísta que, no longo prazo, como boa parte de nossos desejos factuais e egoístas, só nos leva ao desespero, à angústia, à falta de lugar, e ao pior que uma raça gregária pode sofrer: a solidão!

Mary Shelley, ao contar a história de Frankenstein e sua criatura, é um excelente exemplo de como a busca pela imortalidade é também a busca para se resolver a solidão, mas que gera ainda mais do mesmo. Também não é coincidência a autora ter escrito aos 19 anos, aquele mesmo período em que todos nós, ao mesmo tempo nos sentimos imortais, com a juventude no ápice, ao mesmo tempo abandonados pela segurança da inocência da infância e da falta de perspectiva do que poderá acontecer. A adolescência, portanto, é um pouco a gente sendo os personagens imortais das séries e filmes, e daí tanta popularidade entre os jovens. Essa seria uma boa resposta, se o interesse não extrapolasse esse público e chegasse até um jovem jornalista de 55 anos como eu! O que está acontecendo? Fácil essa: a sociedade do consumismo nos transformou a

todos adolescentes eternos, sem a prerrogativa de sermos imortais - como numa maldição típica de um autor de imortais. Uma espécie de zumbi com cartão de crédito. Eu tomo vinho importado e tenho uma(s) camisa(s) do Homem-Aranha. Meu filho de 12 anos assiste *The Loud House* a *Riverdale* (aliás, série para jovens adultos vindos de HQ infantil). Afinal, por que todos não sermos imortais? Porque a conta não fecha.

Connor MacLeod do clássico *Highlander* (1986) (de onde tirei o título deste artigo, música tema da imortal banda *Queen*), Drácula e seus colegas vampiros, Dorian Gray, Hancock, Os guerreiros da Old Guard, Dr. Henry Morgan da série *Forever* (2014), *Data,* o androide da também recente *Picard*, *spin off* das séries de *Jornada nas Estrelas,* e até mesmo o cômico Lúcifer não se conformam com as angústias que a imortalidade traz, e a maior delas é a solidão como condenação final. Pode saber, se você vê um filme ou uma série com algum imortal, em algum momento ele irá dizer algo como "você verá morrer todos aqueles que amou e quem irá amar". Está condenado à solidão e sua irmã cruel: a saudade. Outro aspecto importante nos personagens é a presença também da dor física: afinal, imortal não quer dizer com o seu sistema nervoso desligado. Então, sofrem como todos nós, mas com a simbologia de que essa dor nunca cessa. Duro, não é?

O filósofo e historiador Yuval Hariri já alertava no seu livro *Homo Deus* que a imortalidade é uma das prioridades da Humanidade, que acredita não precisar mais se preocupar com guerras, fomes e pragas mundiais. Essa ilusão, a Covid-19 veio também esfregar na nossa cara: é uma praga, que estamos até chamando de guerra e quem mais sofre são justamente aqueles com fome, os vulneráveis socialmente. Pois é, mas é uma agenda que, junto com a busca pela onisciência e felicidade tangível, já incorporamos há um bom tempo e definiu a educação, a pesquisa, os investimentos públicos e privados. Não à toa, estádios de futebol, esses centros de culto à felicidade e ao corpo atlético eterno; e os

centros de convenções, centro da onisciência, viraram hospitais na pandemia.

Assim, nada mais natural que a produção audiovisual, e a minha atenção, reflitam essa agenda. Mas, como obra artística, lhe é impossível desvincular a essência dos sentimentos humanos, sob o risco das pessoas simplesmente não se enxergarem nelas e, assim, não assistirem. Daí a busca nas referências, nos imortais clássicos e, sim, nos sentimentos que eles representam. Então, escutemos o recado dos imortais: não existe ser sem sofrer, e ser eternamente é sofrer no mesmo período. É a busca da felicidade, e a certeza de sua ruína; assim como o sofrimento, e sua possibilidade de fechamento, que são o que nos define. É como encaramos a D. Morte que nos faz donos de nossa existência. Em algum momento, já entendemos que somos cursos, não uma árvore imóvel à margem, apodrecendo lentamente. Já que estamos encarando a maldita, agora, pessoalmente e dentro de nossa tribo global, talvez o coronavírus nos ajude a devolver esse desejo pela imortalidade para o seu lugar de origem: a imaginação humana.

Socorro: vem aí a Educação Pós-Verdade!

A Educação, enquanto mediadora do Conhecimento, está sob risco?

Imagem de Colin Behrens por Pixabay

20 de julho de 2020,

Posso ter apenas amanhecido de mau humor (tenho motivo, verá ao final deste texto) ou, especificamente hoje, me encontro no vale da angústia nessa montanha-russa de emoções que tem sido atravessar a pandemia. Mas estou meio sem esperanças, e alarmado, com o caminho que a Educação está apontando. Será que somente agora estamos vendo a real intenção de se "colocar o aluno no centro do conhecimento", das "metodologias ativas", "da construção pelo aluno de seu próprio currículo"? Que tudo isso, na realidade, é uma maneira de precarizar a educação coletiva e formal (que tem o Conhecimento como centro do ensino) em prol de um produto "customizado" (sim, o termo vem do marketing comercial!) e que as políticas públicas e comerciais estão vendo como oportunidade de ficar tudo mais barato? Será que caminhamos para uma Educação Pós-Verdade?

O que seria isso? "Ora, não há o que ensinar, apenas o que aprender!" E a aprendizagem é individual, enquanto a informação, essa base do ensino, já está aí, grátis, disponível, para qualquer um. Então, as pessoas apenas precisam "aprender a aprender". Como discurso, é lindo, e o triste é que, espertamente, vão buscar as referências nos mais conceituados pensadores da Educação (Wallon, Vigotski, Piaget, Freire, Montessori, todos devem estar se revirando nos seus túmulos pelo uso em vão de seus nomes. Nem sei como Morin ainda aguenta!). Mas, em resumo, é uma falácia: querer passar para o estudante a maior parte da responsabilidade da sua trajetória educacional é como jogar uma criança no meio da piscina e dizer "agora, nada!" Pode até ser que ele consiga, mas será de um sadismo!, e sua aprendizagem será pelo sofrimento e sentimento de abandono. Fora que há uma grande possibilidade de afogamento (hoje, a metáfora é ainda mais veemente, dado o mar de informação).

Sério, eu estava acreditando que, se alguma coisa de bom poderia surgir desta pandemia, poderia ser uma valorização maior da Educação. Está na cara que o Convid-19 avançou, entre outros fatores menos importantes, porque a Humanidade ficou mal-educada: deixamos de valorizar a coletividade e a socialização (primeiro papel da escola formal); abandonamos a ciência como princípio que explica o meio e ajuda a empurrar o fim; desprezamos o pensamento científico (não faltaram sinais observáveis - gripes suína e aviária, por exemplo - pontos de partida para desenvolvermos uma lógica de investigação que nos prevenisse de outras epidemias); e que educação é um produto como outro qualquer na prateleira do consumismo e não a principal prática social que dá sentido ao mundo. Por tudo isso, somando-se a nossa atual sensação de onisciência (o conhecimento já está todo aí), tirar a importância da escola foi algo natural (é só ver os números alarmantes de evasão escolar em países que desprezam a Educação).

No Brasil, com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o avanço da educação a distância e novas tecnologias educacionais mais intuitivas, até a troca frenética de ministros da área, romanticamente pensava que alguma coisa se movia em direção favorável. Será que, ao se perguntar a que ponto chegamos com essa pandemia, a resposta poderia ser "se tivéssemos uma educação melhor, uma valorização maior, estaríamos vivendo essa tragédia?" Lembro que a questão da Educação enquanto setor desprezado acontece em geral pelo mundo, com exceções aqui e ali, embora alguns joguem a média do desprezo lá para cima, como é o caso do Brasil.

Pelo exemplo do EaD, pensava que, finalmente, a tecnologia poderia se aliar à educação, e não ser apenas uma companheira de professores que tivessem rompido com sua formação deficiente e conseguido, à duras penas, fazer a transição das metodologias do Séc. XIX (ensinadas nas escolas de formação) para o Séc. XXI. Ou de escolas privadas ricas em

geral e particularíssimas públicas fora da curva. Pensei “agora vai!” A pandemia acelerou os processos.

Pois é, agora fico pensando que me fizeram de otário e a ideia é eliminar custos, e, claro, o mais representativo são os salários. Que mané coordenação de série ou curso, pois se tudo que é preciso é fornecer uma prateleira de opções, qualquer gerente pode administrar a oferta de disciplinas que vão compor o combo preferido do estudante. Para que produzir conteúdo ou travar um diálogo com o material didático, se o estudante sabe acessar o Youtube e responder um quiz automatizado? Sai a experiência empírica de alguém mais experiente, que possa construir sentido entre o contexto do aluno e o contexto social-histórico, a partir de uma informação construída cientificamente ao longo de séculos. E entra um joguinho (perdão, uma gameficação!) sob o singelo título: “Terra Plana X Terra Redonda: formando a sua opinião!

Claro, estou caricaturando. Acho possível, e até necessário, uma mudança radical das práticas pedagógicas. Pelos índices de escolaridade, e pela pandemia, sim, senhor, os atuais modelos já mostraram que precisam ser refeitos. Lendo a BNCC (que tem, entre coisas boas e ruins, uma pegada bacana que desburocratiza os excessos de conteúdo que tornam a educação chata demais!) e vendo a aceleração da EaD e das tecnologias (superimportantes para ampliar as possibilidades de ensino num país continental e num mundo digital), tinha a esperança de que essas mudanças viriam para reviver nos estudantes a sensação que aquelas horas de estudo fazem sentido. Há várias iniciativas do bem que vão nessa direção, e nelas é imprescindível o papel dos professores e demais educadores enquanto o que eles sabem fazer de melhor: a mediação (se tivessem lido direito os sujeitos lá de cima, saberiam disso!). Portanto, o que não faz sentido é dispensá-los ou torná-los obsoletos. Como dizem os defensores de uma boa EaD: ela não é mais barata que o presencial, apenas otimiza melhor os recursos, e somente esse rearranjo pode fazê-la mais barata para quem estuda, mas

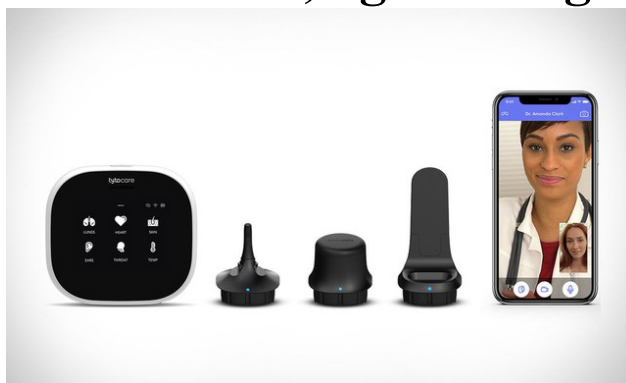
definitivamente não deveria ser para pagar melhor o acionista ou dar superávit para os cofres públicos. E me parece que essas duas últimas opções são as que mais tem aparecido à minha percepção como educador.

Tomara que eu esteja exagerando (não seria a primeira vez!). E que educadores e, principalmente, gestores da Educação, não se deixem levar por um canto de sereia que, à propósito, leva seus seguidores ao afogamento (de novo!). A pandemia devia estar a nos educar a esse respeito.

Ou posso estar apenas muito triste com a morte de um grande mestre (mesmo ele não sabendo isso), um mestre para todos nós da comunicação brasileira e, em especial para a minha tribo, a turma doida por televisão e produção audiovisual. Com um nó na garganta, leio uma dedicatória que está no livro-base de todos nós, “A televisão levada a sério”: “Ao Cláudio, estas iniciais reflexões sobre o nosso objeto comum de interesse: a televisão. Com um abraço do Arlindo Machado”. Nesta semana em que se comemora o dia do amigo, nesses intermináveis meses de isolamento, perder um abraço, mesmo que simbólico, e novas possibilidades de aprendizagem, de alguém tão especial, generoso e rico em Conhecimento como foi o Prof. Arlindo Machado, me é inevitável deixar de fazer a associação se as novas políticas públicas e privadas para uma nova educação não estaria nos condenando a todos a mesma angústia que sinto agora.

À esquerda, Prof. Arlindo Machado (1949-2020).

Arquivo pessoal

Telemedicina: ah, agora é legal, né?

Meu sonho de consumo: um kit TytoHome (ou similar) na mão de cada Agente Comunitário de Saúde.

Crédito: Divulgação

27 de julho de 2020,

Tenho como teoria que gostamos de pensar a tecnologia como uma filha do tipo Cinderela: só deixamos de olhá-la como bastarda quando me aparece um príncipe para desposá-la! É difícil achar quem a defenda antes disso, já que ela se transforma em uma espécie de para-raios de nossas culpas. Parece que tudo que de mal vivemos hoje é causado pela tecnologia: o aquecimento global é devido às máquinas poluidoras, as redes sociais criaram as *fakenews*, até a pandemia foi favorecida pelos aviões. Como diz o filósofo pop dos Séc. XX e XXI, Homer Simpson, se a culpa é minha, posso colocá-la em quem eu quiser. E já há um tempo temos elegido a tecnologia como uma das nossas principais vilãs. Eu nunca engoli essa história: a tecnologia é extensão da Humanidade e tem no seu DNA tudo de bom e ruim. O problema é que não é um argumento forte, eu precisava de uma prova concreta. Bingo! Veio a Telemedicina para resolver todos os meus problemas!

Resumo da ópera: a telemedicina era para a classe médica brasileira como o diabo para a cruz! Se alguém ameaçava iniciar a brincadeira, "sai de perto, satanás!". O discurso era lindo, não se podia relegar a fundamental interação física entre médico-paciente, onde já si viu, importante olhar olho-no-olho, fazer uma ausculta, "sentir" a pessoa.... e assinar a ficha de consulta, bater meta de atendimento, passar o cartão do convênio! Estou sendo cruel? Pois bastou despencarem as consultas durante a pandemia que, *voilá*, a telemedicina virou a solução da saúde no Brasil!

Vamos à história: A telemedicina não foi inventada pela internet (aliás, mais uma delas, como aos poucos as pessoas estão descobrindo, como as redes sociais e as *fakenews*). Já existe nos EUA desde os anos 1960 por meio de circuitos internos de TV entre hospitais, na linha de redes interligadas que dariam origem à Internet[25]. Como o micro-ondas, teve

sua tecnologia desenvolvida graças à corrida espacial, já que não dá para passar o cartão da Unimed na estratosfera. E no Brasil? Bem, até um pouco antes da pandemia, era risível: estava liberada pelo Conselho Federal de Medicina (CFM) e, apenas a partir do início deste século, a troca de e-mails (só entre os médicos) e emissão de laudos e exames a distância. Não que não houvesse uma tentativa: em 2018, uma resolução do Conselho até liberava geral, mas foi abatida logo no início do vôo pela classe médica "indignada com a precarização do seu trabalho"...

Quem tinha plano de saúde privado, ou médicos particulares, sabe que a norma era para inglês ver: mães pediam socorro aos pediatras via Whatsapp, diabéticos já enviavam os dados dos seus aparelhos portáteis de exame de glicose, exames e laudos circulavam entre aplicativos sem pudor, e a secretária do meu médico passou a controlar a agenda dele de casa e nunca mais a vi, embora eu mantivesse a periodicidade das visitas ao consultório. Os próprios pedidos de exame dos planos já eram automatizados, desde a solicitação até a auditoria. Mas tudo tinha um certo ar de "lei seca", meio na clandestinidade... Afinal, o CFM só permitia o e-mail, não é

Como de costume, quem continuava sofrendo era o mais pobre, que sequer consegue acesso para agendar consulta no seu posto de saúde via internet. A TV Digital prometia ajudar nisso, ainda pode, mas nem pensar que passa na cabeça dos gestores públicos! O máximo de avanço na área foi o de algumas prefeituras conseguirem que os usuários pudessem pegar os resultados de exame online (mas, desconfio, era para economizar tinta de impressora!). Certamente, há casos positivos entre os mais de cinco mil municípios brasileiros, mas são exceções que confirmam que a regra na saúde pública brasileira é fazer de tudo para colocar o cidadão à frente de um médico, mesmo que todas as circunstâncias (falta de profissionais, postos sem estrutura, transporte público deficiente, distâncias continentais) trabalhem contra o encontro presencial dessas duas pessoas.

Essa ojeriza por integrar o ser humano com a tecnologia vem de longe. Alguém vendeu uma ilusão de que a Tecnologia era algo que, como a criatura de Frankenstein, ganha vida através de nossa genialidade e depois vai ter sua vida de forma autônoma, tanto para o bem como para o mal do seu criador, a Humanidade. Por isso, temos uma certa tendência em culpabilizá-la como uma filha ingrata, rebelde, transgressora dos bons costumes de que somos exemplos. Não é à toa que a gente diz que a televisão manipula as pessoas, os videogames fazem as crianças ficarem violentas, a internet criou a pós-verdade. E não é de hoje: as máquinas roubam empregos, os livros provocam revoluções, a agricultura inventou a burocracia.

Como deve ter percebido, tudo balela! A criação e o uso das tecnologias atendem às idiossincrasias humanas, inclusive as mais terríveis. Se tirarmos a tecnologia, continuaremos os mesmos humanos que manipulam seus queridos com chantagens emocionais, agredimos o outro por conta de nossa vocação para a violência, adoramos a pós-verdade desde que começamos a contar uma história e aumentar um ponto. A busca do ócio também nos levou a sempre diminuir o trabalho, a revolucionar os modos de vida e a criar mecanismos para ficarmos mais sentados do que arando. Portanto, a tecnologia é apenas a extensão da primeira pedra lascada que usávamos para manipular a natureza, tanto para tirar uma pele para uma vestimenta, como para uma lança para atacar ou defender. E, com isso, também manipular os meus e os outros. Ou seja, para dar vazão ao que realmente somos.

Veja bem, não há aspecto moral na tecnologia em si. Mesmo porque a agressividade, as estratégias emocionais, a imaginação e valorização do tempo foram aspectos fundamentais que fizeram dessa espécie fraquinha (uma gripezinha qualquer mata centenas de milhares) dominar o planeta em meros 300 mil anos, enquanto o crocodilo marinho está por aqui há mais de 250 milhões de anos e ainda não sabe cozinhar nem tirar uma selfie

Porque quem dá moral para a tecnologia são os homens e as mulheres que as inventam e as usam. E a telemedicina brasileira mostra o quanto temos de criativos e hipócritas no mesmo smartphone. Então, quer dizer que agora o presencial não é mais tão importante? Certamente é, e continuará sendo, mas, repito, é fundamental olharmos para as condições sociais do país, já que é possível e viável, inclusive financeiramente, ter políticas tecnológicas de inclusão. Vou dar apenas um exemplo porque, neste momento, conheço apenas ele, mas estou certo de que, sendo da área da saúde, conheceria outros mais. Veja o kit da TytoHome na foto que abre o artigo, um simpático combo de um módulo (que mede temperatura e com uma câmera de alta resolução que também faz exame de pele) com três gadgets da hora: otoscópio (aquela lanterninha de ouvido), estetoscópio (escuta coração e pulmões) e depressor de língua (detecta inflamação na garganta). Associado a um aplicativo de smartphone, o médico consegue fazer uma consulta a quilômetros de distância e o cidadão pode fazer boa parte dos exames em casa.

Agora, imagine esse pequeno aparato associado a uma excelente tecnologia social criada nos países pobres: os agentes comunitários de saúde! Os aparelhos, inclusive, poderiam até servir *off-line*, colhendo os dados dos pacientes que poderiam ser enviados aos médicos, caso não possam estar disponíveis. Uma vez analisados, ou se marcaria uma consulta (também *online*, mas agora usando a câmera), ou já haveria alguma prescrição, nem que ela fosse uma indicação para uma consulta presencial (que, também, poderia ser agendada pela agente). E esses dados certamente serviriam ainda mais para o estabelecimento de políticas de saúde, pois poderiam detectar o aumento de uma determinada doença em uma região, e isso em curto espaço de tempo, ajudando ainda mais em tomadas de decisão.

E o preço? A última vez que vi, o kit custava U$ 300, uns R$ 1.500,00. Preço no varejo, no atacado, fica mais em conta. Ou melhor: abra-se um edital e estou certo de que um monte de nerds nacionais, em *start-ups* em

mesas de *coworking*, são capazes de criar kits semelhantes por uma fração deste valor. Para governos que já quiseram colocar um *laptop* na mão de cada criança, colocar um kit desses na mão de cada agente de família ia custar bem menos. Fora que há possibilidade de parcerias público-privadas, pois a melhora da saúde coletiva é aumento de produtividade.

É óbvio que nenhuma das soluções acima substitui a consulta presencial, e há uma argumentação perversa de quem torce contra por acreditar que a telemedicina é para suplantar o médico. Mas é inegável que, pelas condições sociais e geográficas do nosso país, e sabendo que, através de exames simples, uma bela porcentagem dos males que acometem aos brasileiros podem ser detectados e curados quando em fases iniciais, a telemedicina poderia significar um avanço sem precedentes para a saúde brasileira. E isso seria bom também para a classe médica que, de um momento para o outro, poderia atender muito mais do que atende hoje, sem as barreiras geográficas, e os sistemas facilitam a monetização. Assim como também poderá ganhar toda a estrutura da saúde, com os estabelecimentos de postos de saúde mais dinâmicos e bem localizados, uma vez que a triagem já terá encaminhado com as prescrições adequadas para aquele local. Da mesma maneira, poderão surgir novas empresas e aplicativos *online*, para exames e diagnósticos, assim como os estudos e sistematização de dados, com aspectos que assegurem a segurança e a privacidade dos cidadãos. E ainda falta saber como fazer exames de fezes e urina a distância!

É importante ficar claro, portanto, que, da mesma maneira que a EaD não pode prescindir do professor, assim também acontece com a telemedicina, que também precisa dos seus profissionais da saúde para fazer com que a tecnologia funcione a favor de quem precisa. Porque sabemos também que vai ter muita telemedicina sem médicos, pois com há EaD sem professor. Mas isso deixa claro o argumento que permeia toda essa conversa: o mau-caratismo é de quem usa a tecnologia, e não

da tecnologia em si. A autorização da CFM para o uso da telemedicina está prevista apenas enquanto durar a pandemia, retornando ao e-mails anteriores, e a aberração proveniente das diferenças de classe, que podem fazer telemedicina porque pagam.

Cabe à gente berrar para que a tecnologia nos ajude a continuar evoluindo enquanto espécie, em que a saúde do coletivo ajude a saúde do indivíduo. Não priorizarmos a saúde coletiva deu em uma gripe pegando de calças curtas toda a Humanidade. Que a pandemia nos deixe de legado um olhar mais social para o uso da tecnologia, a começar por aquela que auxilia aqueles menos assistidos.

---

25 A hora da telemedicina. Carolina Fioratti. SuperInteressante, s/d.

Contos Pandêmicos:
A aposta ou de quem é a culpa?

"Às vezes, Eu penso que escolhi o Design Thinking errado..."

Imagem de Alexandr Nebesyuk por Pixabay

3 de agosto de 2020,

Como sabe, permito-me divagar, bem devagar, a acreditar que a pandemia me atiça lados literários. Então, segue mais uma tentativa:

Voltemos a 2014, embora aqui a noção de tempo e espaço não pode ser comparada às nossas mundanas percepções. A Entidade entra irado!

- Eu não aguento mais, é muita decepção... O que eles estão fazendo com a minha obra?? Heresia, safadeza, pilantragem.... Ô, meu Eu, que decepção, que decepção....

- Calma, Pai, eles não sabem o que fazem!

- Mas depois de dois mil anos, não era para terem aprendido? Eu avisei, você foi muito condescendente... veio com essa historinha de misericórdia, coitadinhos.... Isso é coisa da sua Mãe!!!! Ah, bom mesmo era um bom dilúvio, uma bela estátua de sal.... Você passou demais a mão na cabeça desse povo!!

- Mas, Pai, tenha paciência...

- Como paciência? Tá tudo saindo fora dos eixos! Se eu quisesse esse individualismo, esse egoísmo, essa falta de noção, tinha me inspirado, não nos primatas, mas nos rinocerontes, esses sim, solitários, desajeitados e pouco tolerantes! Eita, fui valorizar a flexibilidade e não postura, deu nisso! Não entenderem? Não entenderam? É pra viver em grupo, um dependendo do outro... E para que Eu ia colocar tantos dentes? Ora, para sorrir que nem os chimpanzés, valorizarem o salto, o ar, a natureza, catando piolho no outro como forma de afeto.... Não, todo mundo de cara amarrada, olhando pro seu umbigo ou celular, enfiado dentro de shoppings.... não, não era isso! Pena que não dá para devolver.... Mas, vou fazer alguma coisa, você vai ver, vou fazer....

- Olha, Pai, cuidado aí, lembra que prometeste o que Dilúvio....

- E eu sou cara de pouca imaginação? Você vai ver, você vai ver...

Salto para 2015. Entra ainda mais colérico.

- Quem vazou? Quem vazou pro Bill Gates?

- Pai, você não está meio paranoico? Quem pode invadir sua Sabedoria?

- Ah, não me venha com gracinhas, esse pessoal não colocou o nome de Nuvem à toa. E aposto que você está por trás disso.... Tire esse sorrizinho da cara! Agora vou ter que esperar uns anos, senão vai dar muito na cara... além de encher a bola do sujeito! Logo agora que o Musk e o Bezos foram na onda do seu irmão...

- Uai, Pai, você agora deu de conversinha com o....?

- Não importa, é preciso reequilibrar a balança, é muito poder para um sujeito só...

- Pai, às vezes eu me encanto com sua inocência e esperança. E depois eu é que sou condescendente...

Sem dar ouvidos, o Poderoso continua:

- Esse povo é tão desavergonhado que nem posso mais usar meus clássicos. Eles mesmo já tomaram para si. Enchentes? Poluição e mudança no clima. Aliás, é um combo, que com isso também mandam chuvas de granizo e tufões! Rios contaminados com sangue? Superaram contaminando com uma sopa tóxica bem pior. Para que enviar insetos com doenças, se podem concentrar tudo num mosquito só! Ah, nem, tá difícil ser Eu hoje em dia...

- Então, esquece isso, Pai, deixa eles...

- Que deixa eles o quê!! É só uma questão de tempo, você vai ver....

Pula para 2020.

- Pai, você não deu uma exagerada aí, não?

- Eu? - agora o sorrizinho é dele!

- Já não bastava o vírus... Mas, nuvem de gafanhoto? Tão démodê!!

- Não sei do que você está falando!

- Tufão bomba? Em Florianópolis? Qual a próxima? Rãs?

- Não dá ideia!

- Bem que podia pegar mais leve! Acho que já aprenderam a lição!

- Tá de brincadeira? Cancelaram sua TV a cabo?

- Mas, Pai....

Ele se levanta calmamente, muito calmo, daquela calma que quando a pessoa está calma de tal maneira deixa todo mundo em torno nervoso. Acaba de descascar sua mexerica, vai chupando e falando ainda mais calmamente. Desta vez com a outra mão sobre os ombros do Filho, literalmente levitando...

- Deixa eu te contar uma coisa sobre pais... a gente é mais do trovão do que do relâmpago! Faz mais barulho do que dá choque. Vê se eu ia resetar de novo... dá trabalho demais depois. É que andei conversando com teu irmão (sim, ficamos de conversinha, às vezes, tenho que dar conta do todo, um inferno!). E fizemos uma aposta! Fui na sua conversinha de dois milênios e, bem, ele veio com a dele. A ideia era Eu dar uns avisos nada sutis, e estava certo que a turma ia entender: uma gripe suína aqui, outra aviária ali, sumir com uns aviões estilo triângulo das bermudas, retornar uns pragas antigas, tipo sarampo e tuberculose, até fazer uns vulcões explodirem... essa parte pirotécnica Eu particularmente curto. O engraçado, da parte do seu irmão, era não fazer nada. Aí ele, você conhece a peça, provocou: "é só deixar!" Pensei, "conversa! Confio na minha criação". Confie e espere, é o meu lema! Que abram as portas da esperança! Vou bancar a aposta!

- Mas, então, o que aconteceu?

- Uai, perdi!

Sem palavras,
mas com muito o que pensar....
Tantos nós e todos nós!

Imagem de Alexas_Fotos por Pixabay

10 de agosto de 2020,

Sem palavras... Triste ainda mais por estar certo que nem todos estão de luto!

Chegaremos em 2021 em 200 mil? Quem são os responsáveis?

Paremos de dizer que Professor não gosta de tecnologia!

Dai-me boas internet e laptop e moverei o mundo.

Imagem de Luisella Planeta Leoni por Pixabay

24 de agosto de 2020,

É preciso acabar com essa história de que professor não se dá bem com tecnologia. Bastou a pandemia para mostrar que os educadores, até mais que muitos outros segmentos, são afeitos à tecnologia, tanto é que se adaptaram rapidamente. Não sem sofrimento, é claro, e não sem problemas, é certo, mas é notório o avanço em poucos meses do uso de ferramentas virtuais. As mesmas ferramentas que até então era notório se escutar que não é coisa para professor (só para aqueles poucos "descolados"). Aliás, escutava-se da boca dos próprios educadores! Mas, de onde vem tanta dissonância?

Na real, essa história de dificuldades entre professores e tecnologia é completamente irreal. Se é que existe um ranking de profissões que melhor a utilizam, se aproveitam dos avanços, que inovam no quesito tecnologia, os educadores estão ali no top 5. Mas há dois problemas a serem desvendados quando se trata dessa impressão equivocada de dicotomia entre professores e tecnologia. O primeiro é o conceito de tecnologia. O segundo é uma campanha centenária e deliberada para afastar os professores das tecnologias de ponta.

Vamos à primeira questão: usualmente, imagina-se tecnologia como apenas aqueles aparelhos que precisam de uma tomada para funcionar. Ora, como o próprio nome indica, tecnologia é um estudo das técnicas, dos inventivos atalhos que a humanidade criou para resolver suas inúmeras limitações. Para isso, foi preciso desenvolver aparatos que fossem extensões ampliadas de nossas habilidades deficientes. Para melhorar a já boa expressão corporal, nosso meio de comunicação, criamos a linguagem vocal. Para substituir essas unhas frágeis, esse apetite voraz e essa pele fina, inventamos uma pedra lascada e seus *upgrades*, para construir flechas e lanças, cortar carnes e couro. Assim, depois que descobrimos que a tecnologia (o estudo e a evolução dessas

técnicas) seria a única possibilidade de nos darmos bem nesse planeta inóspito, o céu (literalmente) foi o limite.

E os professores foram os primeiros a se utilizar das novas tecnologias para que pudessem, primeiro, ensinar seus companheiros a se defender, sobreviver e desenvolver; segundo, transformar em perene essa evolução. Os contadores de histórias das tribos de caçadores-coletores sabem muito bem utilizar as expressões corporais e vocais para ensinar os valores e crenças ao seu povo e às novas gerações. Os pintores rupestres mandaram bem na abstração feita a partir de materiais da natureza para criar "tintas" que viabilizassem uma maneira de registrar e ensinar as novas gerações. Além das tais crenças e valores, também o lugar certo para a lança acertar o antílope e, com isso, garantir a comida do grupo no futuro.

Daí para frente, foi o que aconteceu com os escribas, sacerdotes, filósofos, mestres-artesãos, oradores, todos aqueles que, de uma maneira ou outra, tinham como uma das suas funções ensinar a atual e as próximas gerações os pilares que mantinham a sua sociedade e, ao mesmo tempo, manter ocupado o desejo natural dos tais seres por alguma forma de conhecimento e descobrimento dos mistérios da vida. Era surgir uma tecnologia (quando não ela mesma desenvolvida pelos próprios educadores), e o pessoal já se apropriava. Impressão em argila, em pedra, papiros, por exemplo, foram basicamente o que nos ensinaram, milhares de anos depois, como nossos antepassados viviam e no que acreditavam. Ou seja, tecnologia da boa, pois ainda continua funcionando a distância de seus conteudistas, inclusive de tempo. Muitíssimo melhor do que um CD-ROM que tenho aqui em casa e que não encontro nenhum outro lugar que consiga decodificá-lo.

E antes do Iluminismo/Positivismo, então, a tecnologia educacional era, digamos, muito pouco conservadora no método (diferente do conteúdo, claro): os vitrais das igrejas, o teatro e a ópera, a música e a poesia, as artes-plásticas, assim como a "metodologia ativa" dos mestres-artesãos,

em que o aprendiz aprendia fazendo. Um número significativo de tudo isso tinha como objetivo ensinar alguma coisa, tanto é que boa parte do que sabemos das épocas passadas aprendemos através desses produtos. E que eram, igualmente, frutos do desenvolvimento tecnológico de seu tempo. Estudos de perspectiva serviam tanto para quadros como para arquitetura. Assim como os de anatomia e flora/fauna, que serviram às obras clássicas e aos livros de universidades. E por aí vai. Não à toa, a palavra "arte" vem de *ars*, associada menos a museus e mais a trabalho manual, ofício, conhecimento técnico.

Em que momento os professores, então, perderam a mão? Quando deixamo-nos enganar de que tecnologia não nos pertence. "Ah, esse negócio de tecnologia é para os jovens, não sei mexer com isso não. Só sei dar aula!" virou uma espécie de mantra, ou um escudo defletor de qualquer possibilidade de nos envolvermos com a modernidade tecnológica. Não saberia dizer exatamente a data, mas é importante saber, e espero ter provado nos parágrafos anteriores que tal separação é artificial, propositadamente exclusiva. E isso continua atual.

Desconfio que começa mesmo lá no Iluminismo/Positivismo, quando a educação ganha aspectos de shopping center: um monte de lojinha, cada um com seus donos e que, eventualmente, até podem ser reunidas por ambientes temáticos. De um lado, cama e banho/ciências humanas; de outro, produtos para casa/exatas; num terceiro local; moda e estética/biológicas. Não foi algo exatamente ruim, e, particularmente, até gosto de um shopping: centraliza o caos da vida, maximiza conhecimento, favorece o encontro de seres desejantes etc. Mas tem o aspecto negativo: isola a atividade compra/aprendizagem e cria uma classe social que, como todas, vai sofrer desde corporativismo exacerbado até descaso e desprezo por quem se considera fora da sua praça de alimentação.

Assim, ao formalizar a educação e se criar os professores profissionais, e por área de conhecimento, da mesma maneira que houve a separação

forçada entre arte e ofício, a sociedade da produção achou por bem também isolar o campo da educação como um todo. Era tão “nobre” o seu exercício, que não se podia contaminá-lo com essa coisa suja chamada dinheiro. Tenho por mim, no entanto, que era uma espécie de ”professorfobia”, ou seja, se deixar esses caras - que estudam e sabem - serem protagonistas dessa virada - sai Rei/Deus, entre Burguesia/Capital - vai sobrar pouco para quem detêm os meios de produção. Afinal, foram eles que nos ensinaram! Melhor deixá-los em um canto confortável e chamemos isso de “escola”, que vem do termo grego/latino que significa tanto “conferência” como “folga ou ócio” (ah, como as palavras nos explicam!), ambas com demarcações bem apertadas.

Nesse sentido, a tecnologia, agora muito mais fundamental ao desenvolvimento dos meios de produção do que o desenvolvimento cognitivo da Humanidade, é colocada em outro ambiente, o das fábricas. O educador, antes uma espécie de vanguarda dos seus pares, aquele que diz o do hoje e do amanhã, vira basicamente um historiador: contar o que foi feito até agora, na esperança de que, uma vez no tal mercado de trabalho, aí sim, o tal sujeito pode entrar em contato com a tecnologia e possa desenvolver os tais meios de produção em benefício de seu empregador ou de seu chefe de repartição.

Para que tal estratégia de solidificasse, tira-se dos poucos momentos de formação desses educadores qualquer vestígio de conteúdo, técnicas ou mesmo incentivos para que eles pudessem retornar às origens e utilizar a tecnologia para a sua arte/ofício. Não também coincidente, a disciplina de “oratória/retórica”, tão prezada pelos gregos e romanos e que, justamente, reflete o domínio de nossa espécie sobre nossa primeira grande tecnologia de mediação, foi sendo uma das eliminadas dos currículos de ensino superior. Afinal, a última coisa que os mandatários precisam é de um professor bom de retórica! Outras disciplinas que poderiam privilegiar o trato com a tecnologia foram sendo limadas e, há alguns anos, fiz um levantamento em que, em geral, a única disciplina no

curso de Pedagogia que tratava da temática estava mais para tutorial de uso de *Power Point*. Assim, ao longo das décadas, cada vez mais se entupiu de teorias (que refletem passado, naturalmente) a grade universitária curricular (adoro esse nome, parece coisa de cadeia mesmo....).

Tanto isso é verdade que foi relativamente fácil, durante a pandemia, colocar praticamente todos os cursos superiores em Educação a Distância: ora, era só falação mesmo, só falando do passado, pouca técnica pragmática e, nenhum estudo ou desenvolvimento de novas técnicas (ou seja, tecnologia). Até nos cursos onde se esperam mais práticas, as escolas têm conseguido se virar. E como? Bate na porta de uma instituição e pergunta "dá para você ensinar meu aluno aí como faz uma sutura? Depois você me manda um papiro dizendo se ele foi bem e com quantas horas ele aprendeu, tá?" É o retorno triunfal do mestre-artesão!

Confrontado com "ou é tu ou é tu mesmo", os educadores não tiveram chance, desta vez, de dizer "ah, não entendo desse trem de tecnologia, deixa pro estagiário fazer" (professor mineiro, nota-se). E qual foi a surpresa de todos? "Ora, sofremos, apanhamos, mas estamos aqui fazendo o nosso melhor! E não é que agora consigo dar uma videoaula, editar uma apresentação, fazer um game, disponibilizar material, interagir usando meios eletrônicos?". Volta a dizer, não sem sofrimentos. Mas rolou. E isso aconteceu porque essa é a natureza do educador: pegar na mão seu aprendiz e levá-lo a um ponto adiante. Se para isso ele precise ir a pé, ou usar/inventar um foguete, dê-lhe oportunidade e um mínimo de material, que ele assim o fará. Desde que parem de nos dizer de que não somos capazes por deficiência cognitiva!

Até a pandemia, nos convenceram que pertencemos ao passado e que a tecnologia nos era imprópria por pertencer ao presente e ao futuro. Que tal momento que passa a Humanidade, por mais trágicas que sejam as circunstâncias, tenha, pelo menos, esse ganho: o de resgatar os

professores e demais educadores para o seu papel intrinsicamente ligado à tecnologia.

Contos Pandêmicos:
Fábula da Humanidade

Deu Ruim!!

Imagem de Peter Fischer por Pixabay

7 de setembro de 2020,

Chega! Independência da pandemia! Cansei! Bola pra frente (imagine todos os outros mantras tristes dos *coachings* em moda...). Vou ser escritor.... ou voltar a ser tudo que era antes! Vai saber!

Sei lá, faz alguns milhões de anos que aconteceu. Os seres vivos se reuniram para resolver uma parada.

- Pois é isso, temos que saber quem vai ser a espécie dominante. Não dá para ficar nessa Gaia-dará! disse o Jacaré. A semelhança com os extintos dava uma certa autoridade para o sujeito.

- Ora, você não seria uma opção? respondeu a Ave-do-Crocodilo.

Ninguém reagiu com algum escárnio, do tipo, “olhaí o puxa-saco”, ou “claro que ela ia indicar o seu amigo mais chegado”, ou “óbvio, ela só teria a ganhar”. Bicho não tem ambição, inveja ou desprezo. Ninguém ali estava gostando daquela conversa. Ninguém queria pegar essa bronca, que era, literalmente, a maior do mundo.

- Agradeço a confiança, colega, mas meus antepassados não se mostraram perenes. Então, melhor não.

- Pra que mesmo a gente precisa de uma espécie dominante? falou o Bicho-Preguiça Gigante, que era meio devagar para entender as coisas.

- É preciso uma certa organização mesmo, explicou o Mamute. Essas tais eras do gelo pra cá, essas mudanças tectônicas para lá, não tem saúde que aguente! Além disso, cada bicho se ordenando de uma maneira diferente.... quando a gente chegou à conclusão de que as fêmeas é que deveriam gerar os filhotes, vem o Cavalo Marinho atrapalhar o combinado...

- Acho melhor a gente não entrar na questão de gênero agora, protestou a Pavoa. Mesmo porque, até hoje, não engolimos essa história dos machos serem, em geral, mais bonitos. Essa é uma coisa que a tal espécie dominante terá que se preocupar...

- Pode ser a Tartaruga... taí um tempão, tem casca dura...
- Nem pensar! Precisamos de agilidade, desenvoltura, dinâmica, e uma turma gregária, que tenha uma pegada mais social....
(Ufa, pensou a Tartaruga)
- Eba! Então estamos fora, disse feliz o Rinoceronte, acompanhado, com alegrias, pelo Leopardo, Coala, Ursos.... Prazer, pessoal! e aproveitaram para cair fora.
- Tem os ratos, as baratas e os pombos! Já estão pelo planeta todo mesmo! disse o Carrapato.
- Deixa de ser chato! retrucou a Barata. Uma coisa é ser morador, outra é ser síndico. Não queremos fazer o trabalho sujo.
- Podia ser alguém do mar! Afinal, é a maior parte do planeta mesmo!
- Nem pensar, gritou o Golfinho. Nós somos a latrina de vocês que vivem em terra. Precisa de alguém que entenda desse ecossistema para dar uma solução e parar com isso.
- Que tal o Leão? Aquela juba toda dá até um certo ar...
- Brincou, né? urrou a Leoa. Sujeito preguiçoso, machista, só aparece quando o serviço de casa tá pronto, e ainda tem os melhores benefícios... só um idiota poderia pensar que é um rei dos animais...
As hienas riram.
- E alguém da Flora? São muito mais presentes do que a gente...
O silêncio respondeu à sugestão.
Os seres estavam num impasse. Até que alguém falou:
- E o Macaco? Sociável, engraçado, gosta de uma festinha, se dá bem com a maioria dos seres, sujeito família, sorriso amplo...
O Macaco que, até naquele momento, estava mais preocupado em descascar uma banana combinando com o batuque na casca do coco, levantou a cabeça em um susto.
- Eu?
Todos os seres voltaram seus esperançosos olhos e demais aparelhos perceptivos para ele, que se espantou com uma atenção que nunca tinha

tido na vida. Vamos combinar, o Macaco estava longe de ser da elite dos reinos da natureza. Sua estrutura orgânica um tanto frágil, sua soberba com aquela coisa boba que fazia com o polegar, e seu comportamento cheio de, ora, 'macaquices', não faziam dele um ser popular.

- Ah, então tá!

Olhos, focinhos, rabos, patas, folhas se levantaram em alegria! Uma salva de guinchos, rugidos, piados ouviu-se por toda a Terra. E todos trataram de cair fora, caso o maluco peludo mudasse de ideia.

Quem não ficou satisfeito foi a Macaca:

- Tá doido? Não percebe a encrenca que arrumou pra a gente?

- Não esquenta, sorriu o Macaco, concordei só para dar um tempo para essa bicharada estressada. Já tenho uma ideia: vou passar esse encargo para um primo distante que apareceu lá na mata. Cara está sem serviço, passa o dia quebrando pedra e a noite morrendo de medo da sua própria sombra. É inofensivo, fraquinho, qualquer coisa, adoece, não vai durar muito no *job*.

Moral da história: nunca confie num primata!

Livros do autor:

TV digital no Brasil: estudos sobre a transição analógico-digital em Brasília e Belo Horizonte. 1. ed. Curitiba/PR: Appris, 2020., com Cláudia Chaves Fonseca (orgs).

TVE e escolas: uma relação a ser construída - propostas para projetos entre as TVs educativas e escolas de ensino básico. 1. ed. Belo Horizonte: ABTU/UNA/Fapemig, 2017.

TV Universitária e Sustentabilidade. 1. ed. Guararema, SP: Anadarco Editora, 2011, com Ricardo Evaristo.

Os programas infantis da TV: teoria e prática para entender a televisão feita para as crianças. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

Manual para uma TV Universitária. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Casa da Árvore - Livro do Professor e do Aluno. Mariana/MG: Edição própria da Samarco Mineradora S/A e Centro Universitário de Belo Horizonte, 2001, com Maria Conceição Passos.